

Grupo de Estudos e Pesquisas (Auto)Biográficas em Educação Musical (GEPAEM): tramas de uma trajetória de pesquisa

Simpósio

Jéssica de Almeida
Universidade de Brasília
jessica.almeida@unb.br

Resumo: O simpósio objetiva apresentar as atividades do Grupo de Estudos e Pesquisas (Auto)Biográficas em Educação Musical (GEPAEM) e suas repercussões no desenvolvimento de pesquisas no campo da Música, abordando os seus delineamentos teóricos e metodológicos, bem como os seus desafios e perspectivas futuras. O Grupo, criado em 2020 na Universidade Federal de Roraima (UFRR), foi transferido para a Universidade de Brasília (UnB) em 2024 e está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Música da mesma instituição, comemorando, atualmente, cinco anos de existência. Apresentamos, a seguir, relatos de experiência de estudantes de graduação e pós-graduação que demonstram essas repercussões e possíveis impactos do Movimento (Auto)Biográfico da Educação Musical no Brasil para renovadas compreensões sobre os conceitos de formação e educação musical.

Palavras-chave: Pesquisa (Auto)Biográfica; Pesquisa-Formação; Formação docente em música.

Introdução

O simpósio objetiva apresentar as atividades recentes do Grupo de Estudos e Pesquisas (Auto)Biográficas em Educação Musical (GEPAEM) e suas repercussões no desenvolvimento de pesquisas no campo da Música, abordando os seus delineamentos teóricos e metodológicos, bem como os seus desafios e perspectivas futuras. O Grupo comemora cinco anos desde a sua criação na Universidade Federal de Roraima (UFRR), em 2020, e conta atualmente com onze membros, estudantes de graduação e pós-graduação, na Universidade de Brasília (UnB).

A criação do Grupo foi motivada por discussões do campo da formação docente em música delineadas a partir de dimensões pessoais, profissionais e de uma articulação constante entre formação e atuação profissional. No seio dessa complexa teia de sentidos, entendemos que parece existir um entendimento de formação que nasce da relação das

peessoas com a música e com os seus significados para o encontro com a atuação profissional, e que ela é compreendida a partir de seus constituintes políticos, históricos, sociais, culturais e organizacionais. Assim, o GEPAEM objetiva discutir e problematizar a formação docente em música em diferentes espaços e tempos, especialmente movimentados por questões emergentes da contemporaneidade, por meio de perspectivas (auto)biográficas. Através das pesquisas desenvolvidas pelo grupo, esperamos alimentar o debate sobre as contribuições desse tipo de pesquisa para a formação e de edificar novos sentidos e conseqüentemente reflexões teóricas sobre essa formação.

A linha de pesquisa *Abordagens (auto)biográficas em Educação Musical* objetiva compreender a música enquanto memória, narrativa, campo de sentido e/ou interpretação para as abordagens (auto)biográficas. As pessoas vinculadas a ela investigam o lugar da música em abordagens (auto)biográficas e o entendimento e a exploração de movimentos narrativos nos processos de formação e conhecimento em música.

A segunda linha, *Formação e atuação docente em música*, busca estudar a formação e a atuação docente em música, mobilizada por questões emergentes da contemporaneidade, por meio de abordagens (auto)biográficas. Esse grupo acolhe, atualmente, uma pesquisa que discute o processo de formação docente considerando a perspectiva das relações étnico-raciais e uma pesquisa que analisa os impactos da construção identitária de professoras de canto em suas atuações docentes.

A terceira e última linha de pesquisa, *Formação e atuação profissional em música*, em direção semelhante à anterior, estuda a formação e a atuação profissional em música mobilizada por questões emergentes da contemporaneidade, por meio de abordagens (auto)biográficas. Esse é o maior grupo, com seis pessoas. Entre as temáticas investigadas está a formação de violinistas populares e de cantores e cantoras, essa última considerando dimensões do corpo biográfico, por exemplo.

Essa comunicação, especificamente, contextualiza teórica e metodologicamente a proposta do Grupo e as compreensões advindas das leituras e construções (auto)biográficas para a formação docente em música e as possíveis reverberações da música para o Paradigma Narrativo (Auto)Biográfico. No primeiro eixo, se discorre sobre o conceito pesquisa-formação (Josso, 2004, 2010, Passeggi, 2016, Almeida e Teixeira, 2025) e como a criação do

procedimento de pesquisa e formação biografia músico-educativa tem contribuído com a área da Música ao emergir um sentido de (de)formação em música (Almeida e Teixeira, 2025). No segundo, são apresentadas contribuições das leituras realizadas no GEPAEM para pensarmos possíveis reverberações do campo da música para o referido Paradigma (Passeggi, 2011, 2016, 2017, 2020).

Pesquisa-formação no campo da música: biografia músico-educativa como procedimento de pesquisa e formação

Ao longo de minha atuação como professora e pesquisadora, nos últimos dez anos, tenho investigado a relação das pessoas com a música e com a educação musical e como isso reverbera em suas formações e atuações profissionais. Me interessa, nisso, a maneira como as próprias pessoas narram essas relações e as significam em suas trajetórias. Assim, meus dois campos de interesse de pesquisa - formação e abordagens (auto)biográficas - têm caminhado juntos e me permitido construir um entendimento de formação docente em música intersubjetivo, que se enraíza na maneira como a música é experienciada e narrada pelos sujeitos, considerando seus aspectos artísticos, culturais, políticos (e tantos outros!). Recentemente, amparada por estudos do campo da Música (Bellochio, 2016, Bowman, 2002), tenho provocado a área a pensar em uma formação comprometida com uma educação musical com vistas a atender o seu compromisso humano, ético e político (Almeida e Teixeira, 2025).

Nesse desafio de tentar contribuir com o avanço das discussões no campo da formação docente em música, tenho apostado nas contribuições do paradigma narrativo (auto)biográfico para sustentação de compreensões mais alargadas sobre formação e educação musical. Assim, a pesquisa-formação tem sido o pilar de meus estudos desde 2016:

A pesquisa-formação é uma metodologia desenvolvida em contextos de formação e de pesquisa que implica a pessoa em situação de formação, frequentemente institucionalizada e intencional, na investigação sobre sua história de vida com vistas à conscientização sobre o quê dessa história foi formador, mediada pela linguagem. Na formação de professores/as de música, essa prática tem a potência de inaugurar a conscientização de uma série de categorias de conhecimentos que avançam do seu campo prático - as experiências, para seu campo teórico-empírico - a experiência sobre a experiência (Almeida; Teixeira, 2025, no prelo).

Ao adentrar esse campo um tanto quanto nebuloso e instável da formação, uma vez que depende da organização, nomeação, compreensão, análise e conscientização dos indivíduos sobre o que consideram formador em suas trajetórias no momento em que concebem as narrativas, me vi esboçando o seu sentido (de)formador: tenho visto que a pesquisa-formação opera na formação, pelo menos nas pesquisas que tenho desenvolvido e orientado, uma perda momentânea de sua forma operando uma abertura, se assim o indivíduo desejar, para que outros elementos da formação sejam trabalhados (ou reconfigurados) e revelem, conseqüentemente, novas/renovadas formas, considerando a situação atual de formação e de vida que a pessoa em formação se encontra.

No caso da educação musical, entendo que a música é elemento central da formação docente e, por isso, concebi um processo de pesquisa-formação o qual intitulei de biografia músico-educativa: a biografia sendo o meio pelo qual as relações com a música (e com a educação musical) se desvelam de um contexto educativo (como aprendeu música) e para uma situação educativa (provocado a contar essa história a partir de um contexto formativo, com a mediação de um formador/pesquisador). Além disso, a música tem adquirido outras duas funções na biografia músico-educativa. Ela é um meio pelo qual as pessoas veem o mundo e um potente meio para se narrar. Em outras palavras:

- A música como campo de sentido e interpretação – para a realidade, para os sons, para a educação musical, para a música, em si – no qual os sujeitos se entendem, compreendem e analisam suas histórias de vida pela música e na música.
- A música como uma forma narrativa (auto)biográfica – narrar a partir, pela e para a música e seus processos formativos.
- A música como uma disparadora de memórias – através de lembranças sonoras e musicais, possibilitar a localização de outras memórias e sensações, para além dela (Almeida, 2022, p. 18).

A biografia músico-educativa trabalha uma narrativa de história de vida na música e educação musical com foco na formação¹. A narrativa é desenvolvida em três momentos, cada um com vistas a promover, em seus participantes, movimentos reflexivos diferentes. Importante pontuar, porém, que esse procedimento não foi criado para ser estático - os três

¹ Para saber mais sobre o procedimento, recomendo as leituras a seguir, que estarão devidamente referenciadas ao final deste texto: Almeida 2019, 2021a, 2021b, 2022.

momentos objetivam o alcance de uma reflexividade narrativa (Passeggi, 2020 e 2021), mas a maneira como as atividades são desenvolvidas deve ser refletida com base na finalidade de sua aplicação, sempre. O procedimento precisa ser mobilizado pelos/as pesquisadores/as, formadores/as e narradores/as que se utilizam dele e, portanto, deverá ser adaptado e modificado de acordo com cada contexto. A biografia músico-educativa nasceu para ser um conceito vivo, questionado e discutido.

Inicialmente, no **primeiro momento**, o/a pesquisador/a ou formador/a provoca a elaboração de uma narrativa musical, de si, com base em alguma pergunta motivadora como, por exemplo, *Que experiências com a música marcaram a minha formação e atuação profissional?* ou *Que fatos da vida marcaram a minha carreira como professor de canto e têm orientado as minhas escolhas docentes?* A organização da narrativa é decidida pelo/a participante, mas eu e os/as pesquisadores/as do GEPAEM temos sugerido que o/a narrador/a faça uso da música, se assim desejar, para tornar a história compartilhada mais próxima de sua vida musical - além disso, esse é um campo emergente no Grupo que tem se mostrado uma potência para se pensar a música como uma forma narrativa. Isso pode implicar na utilização de exemplos musicais ao longo da narrativa, de melodias cantaroladas, de letras de músicas, de sensações e sentimentos que a experiência musical causou, entre outras ideias.

Essa narrativa posteriormente é compartilhada com as demais pessoas do grupo em formação, podendo ser lida, cantada, acompanhada de exemplos musicais, narrada em voz alta enquanto segura o instrumento musical (curiosamente, tenho observado que o instrumento musical parece ser uma extensão do corpo de alguns/mas músicos/musicistas e que o ato de segurar o instrumento enquanto narra parece tornar essa experiência mais familiar para o/a narrador/a), ou acompanhada de fotografias ou qualquer outros meios que o/a participante quiser. O intuito de oferecer várias opções para esse momento de partilha é deixar o/a narrador/a confortável e, talvez, potencializar que outras memórias surjam desta fala inicial. As demais pessoas do grupo em formação apenas ouvem a partilha, mas já aconteceu de alguns grupos preferirem tecer comentários durante a exposição.

No **segundo momento**, após a escuta de todas as narrativas individuais, os/as participantes são convidados/as a conversarem sobre o que narraram e ouviram, frequentemente tomando como base uma segunda provocação trazida pelo/a pesquisador/a

ou formador/a. Caso o segundo momento não ocorra no mesmo dia que o primeiro, recomenda-se que as narrativas do momento um sejam transcritas e disponibilizadas para os/as participantes lerem antes deste segundo momento. Um exemplo de questão mobilizadora para o segundo momento é: *O que essas experiências fizeram comigo? Quais dos elementos de minha narrativa comigo permaneceram, em que dimensões de minha formação/atuação e por quê?*

Esse costuma ser um dos momentos mais complexos para mediação, uma vez que é comum nos depararmos, no primeiro momento da biografia músico-educativa, com uma infinidade de temáticas e potenciais experiências, mesmo que mobilizadas pela mesma questão-norteadora. Ao lado disso, mesmo quando encontramos elementos comuns nas narrativas, as interpretações e os sentidos dados por cada narrador/a costumam ser múltiplos, daí a importância de que o procedimento seja conduzido por uma pessoa com experiência em abordagens de pesquisa e formação (auto)biográficas, além de, obviamente, conhecimento teórico e conceitual para mediar o alargamento da experiência visando objetivos de aprendizagem vinculados ao contexto da formação.

Na próxima seção serão elencados alguns desses desafios, que foram melhor compreendidos a partir das leituras oportunizadas no âmbito do GEPaEM. No final desse segundo momento, que é gravado e transcrito, temos como resultado uma narrativa entrelaçada, de nós - uma narrativa que só existe naquele momento e só se configura naquele coletivo específico de pessoas. É uma narrativa nascida na heterobiografização, uma vez que que ouvinte e leitor/a se modificam, tornam próprias as experiências dos/as outros/as (Abrahão, 2023, p. 5, com base em Delory-Momberger, 2014 e 2019).

Ainda nesse segundo momento solicita-se e orienta-se, ao/à participante, a escrita de uma biografia músico-educativa (terceiro momento), essa consistida na escrita final que reúne tanto as experiências narradas, quanto o encontro com as histórias das outras pessoas e um relato sobre a sua participação no procedimento, ou seja, a própria experiência da reflexividade narrativa:

Ou seja, como se deu o processo de olhar para si, bem como de construção de uma narrativa, de ouvir os demais participantes, de narrar diante do grupo, o momento de debate e, também, as percepções sobre si e sobre suas formações, caso houvessem, desencadeadas pela participação na pesquisa.

Esse último momento também visou à realização de um “‘balanço’ pessoal do trabalho em realização, das aprendizagens havidas, incluindo as perspectivas de falar o que é trabalhado prolongamento da reflexão até então empreendida” (ABRAHÃO, 2011, p. 170) (Almeida, 2020, p. 104-105).

Igualmente, recomenda-se que as narrativas entrelaçadas sejam previamente transcritas e disponibilizadas aos/às participantes antes da escrita da biografia músico-educativa. Não é incomum, inclusive, que esse processo de “se ler” por escrito cause no/na narrador/a um estranhamento de si, que também será abordado na seção seguinte, com base em nossos referenciais.

(Re)novados ventos para o GEPAEM

Na UnB, o GEPAEM tem se reunido periodicamente desde o primeiro semestre de 2024, momento em que minhas primeiras orientandas de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Música da UnB haviam acabado de qualificar suas pesquisas. Na oportunidade, uma vez que aquele era o primeiro momento de contato com teorias (auto)biográficas, optei em trazer leituras que permitissem uma compreensão ampla da pesquisa (auto)biográfica para a construção do conhecimento em Educação e na constituição de um novo paradigma no campo metodológico. Especificamente na Música, estudamos os referenciais que amparam a biografia músico-educativa e estudamos o procedimento no contexto das pesquisas em desenvolvimento, na época.

No semestre seguinte, ao receber dois novos orientandos, um de doutorado e um de mestrado, além do significativo ingresso de alunos de graduação no GEPAEM, percebi ser um momento oportuno para revisar leituras que havia feito quando desenvolvi minha pesquisa de doutorado. Juntos, lemos as duas principais obras de Marie-Christine Josso, *Caminhar para Si* (2010) e *Experiências de Vida e Formação* (2004). Essas leituras ampliaram nossas compreensões sobre o que significa formar-se em um caminhar para si, em que conceitos como recordação-referência, experiência formadora, temporalidade, consciência da consciência, para citar alguns, bem como uma refrescada compreensão da *Espiral Retroativa do Caminho para Si*, prepararam o terreno para um entendimento mais amadurecido sobre a formação no campo da música, como tenho acompanhado nas pesquisas desenvolvidas pelo Grupo.

Com esse amadurecimento, no primeiro semestre de 2025 aprofundamos a compreensão sobre o *Paradigma narrativo-autobiográfico em educação* (Passeggi, 2020), discutindo termos nocionais que o fundamentam e as apostas desse paradigma em um duplo movimento. De um lado, na tentativa de verificarmos reverberações do campo da Educação na construção do conhecimento em Música. E, em um retorno provocado, inclusive, por outro grupo de pesquisas do PPGMUS-UnB², em como recebemos e reconfiguramos esses conhecimentos na Educação Musical e os devolvemos para outras áreas do conhecimento.

Embora o planejamento das atividades do GEPAEM tenha sido provocado a partir das necessidades formativas de seus membros, revisitar as leituras e acompanhar a maneira como cada estudante as liam em seus trabalhos teve um significativo impacto no enredamento teórico e prático dos meus estudos.

As figuras antropológicas do mediador e do narrador, de Marie-Christine Josso, articuladas por Passeggi (2008) à tríplice mimese de Paul Ricoeur, permitiram avançar na compreensão sobre os processos desencadeados em cada um dos três momentos da biografia músico-educativa, que se relacionam diretamente aos três níveis da *Espiral Retroativa do Caminho para Si*, de Josso (2004 e 2010). Conseqüentemente, tenho estudado, em conjunto com o GEPAEM, maneiras de potencializar esses processos, lançando mão de experiências com a música como linguagem e campo de significados e reverberações da cultura para tal.

Nesse desafio, conforme nos provoca Passeggi (2023, p. 12), “coloca-se a necessária indagação sobre a formação de quem acompanha esse trabalho de autobiografização”. Especialmente na formação de professores/as de música, sobre a figura da pessoa formadora (professor/a da instituição formadora, orientador/a, pesquisador/a etc.) como alguém que deve ser capacitado para o desafio de mobilizar a capacidade reflexiva dos/as narradores/as

² Segunda consta em seu site, o Grupo de Pesquisa Educação Musical Escolar e Autobiografia (GEMAB) foi criado pela Profª Dra. Delmary Vasconcelos de Abreu da UnB. O GEMAB, integra a Linha de Pesquisa Educação Musical e Pesquisa Autobiográfica, inserido no Programa de Pós-Graduação em Música, da UnB. As características dos projetos do GEMAB são voltadas para o ensino e a aprendizagem da música em escolas de educação básica, como um processo amplo implicado no desenvolvimento, formação e autoformação da pessoa destacando seus entrelaçamentos com as histórias de vida. Acolhe também estudos e pesquisas em educação musical que potencializam a dimensão pedagógica da experiência humana em suas interações com os aspectos educacionais, sociais, biográficos, culturais dos sujeitos e das subjetividades na sociedade contemporânea. A pesquisa que se ocupa com a música nas escolas de educação básica (Vertente I) trabalha, também, com construção de Histórias de Vida de destacados educadores musicais do Distrito Federal e do Brasil (Vertente II).

e de procurar “modalidades de co-interpretação entre o autor, o pesquisador [formador] e os participantes [demais pessoas em situação de formação]” (Josso, 2004, p. 121).

Baseando-se na experiência de orientação e elaboração de memorial e em resultados de seus estudos empíricos, Passeggi (2023) nos explica como se dá a “passagem de um nível de reflexividade narrativa informal para um nível mais elaborado e crítico” (p. 3), com base nas figuras de ligação, de Marie-Christine Josso (Amador, Ancião, Animador e Balseiro, para a pessoa mediadora/pesquisadora, e Herói, Narrador, Autor, Biógrafo, Pesquisador e Intérprete para a pessoa que elabora sua narrativa). Assim, no início da elaboração da narrativa, por exemplo, a pessoa mediadora e a narradora “interagem com valores atribuídos à escrita de si e a modos pré-existentes de ser na instituição formadora”, então, “o formador, atento ao desfecho, fundamenta o acompanhamento na forma como o Artista, ao se transformar em Narrador, vai tecendo fatos esparsos e desenhando formas de ser, não só como o Herói de sua história, mas como Autor e Biógrafo crítico que emergem no e pelo trabalho de autobiografização” (p. 8). Outro elemento fundamental para a mediação da narrativa é a superação de interpretações apressadas e pouco refletidas sobre os elementos que compõem as narrativas, “em que o formador zela para que a ‘curiosidade ingênua’, no dizer de Paulo Freire (1997), se transforme em ‘curiosidade epistemológica’ no e pelo ato de narrar e de se formar pela reflexão crítica” (Passeggi, 2023, p. 8).

Com base nesse aprofundamento sobre as atividades e processos desencadeados por procedimentos de pesquisa-formação (auto)biográficos, o GEPAEM tem investido em explorar cada um deles e reconfigurá-los considerando a abertura para uma (de)formação em música. Isso porque o trabalho com a narrativa exige “a busca de referenciais teóricos, conceituais e um posicionamento crítico e político que permitam questionar saberes anteriores, renunciar, revalidar, ou não, crenças, hábitos, rever atitudes e valores, desconstruí-los e reconstituí-los, dentro de uma visão mais lúcida. Enfim, **desaprender e reaprender**” (Passeggi, 2023, p. 9 - grifos meus). Esse entendimento, conseqüentemente, tem provocado um amadurecimento nas pesquisas do Grupo, como um todo, e em minha prática enquanto formadora de professores/as.

Recentemente, tenho me dedicado a explorar a pesquisa-formação no contexto de orientação de Estágios Supervisionados em Música, o que tem se mostrado positivo, do ponto

de vista dos/as estudantes. Três deles/as, inclusive, integram o GEPAEM, sendo dois diretamente impactados pela experiência (auto)biográfica do Estágio, que resultou em suas atuais pesquisas. Sobre essas primeiras aproximações, escrevi em um artigo com previsão para publicação ainda este ano:

[...] a proposta (auto)biográfica atravessou o estágio desde as primeiras orientações, uma vez que os/as estagiários/as foram convidados/as a pensarem projetos de ensino a partir de suas relações com a música (se ela é uma celebração, se é tocada em conjunto, permeada pela improvisação, se ela é dançada, pensada matematicamente, por exemplo). Concomitantemente, foram provocados/as a construir linhas do tempo ou escritos sobre suas trajetórias anteriores ao ingresso no ensino superior - quais experiências possivelmente os/as levaram para aquele novo espaço de formação e que experiências e interpretações sobre a música e a educação musical neles/as permaneceram até o momento do estágio. Na apresentação dessas linhas do tempo, conhecimentos disciplinares se faziam presentes, uma vez que recorreram a conceitos e conhecimentos trabalhados ao longo da graduação para qualificarem as vivências em experiências - o que, de fato foi formador ou, mesmo (de)formador (Almeida e Teixeira, 2025, no prelo).

Esse novo investimento teórico e metodológico tem recebido apoio do GEPAEM, que atualmente conta com dois pesquisadores focados em reconfigurar a biografia músico-educativa enquanto procedimento de formação, no contexto da Licenciatura em Música, um em um âmbito mais teórico, e outro em seu âmbito mais prático. No segundo semestre de 2025, pretendo conduzir as orientações de Estágio Supervisionado em Música, mais uma vez, nessa direção, agora com atividades teoricamente mais adensadas e que convidem a pessoa em formação a entender, com mais detalhes, no que consiste a pesquisa-formação e a biografia músico-educativa.

Algumas apostas

Conforme pulverizamos nossos estudos, temos percebido, cada vez mais, a necessidade de partilharmos os avanços das pesquisas (auto)biográfica no campo da Educação Musical com outras áreas do conhecimento. Assim, uma das metas futuras para o GEPAEM é divulgar seus estudos em eventos da área de Educação, Arte e Sociologia, por exemplo. Tão importante quanto isso, previmos uma maior proximidade com o GEMAB, nosso grupo parceiro na UnB e no PPGMUS que tem avançado, assim como nós, na exploração de

perspectivas (auto)biográficas de formação, no caso, amparados pela perspectiva da musicobiografização, na escola e em práticas de formação inicial docente.

Assim, no próximo semestre, estamos planejando conjuntamente atividades intergrupos, com o intuito de partilhar os nossos trabalhos e de debater o que nos aproxima e o que nos caracteriza, enquanto grupos de pesquisa (auto)biográfica.

Os relatos que seguem são uma amostra de repercussões e possíveis impactos do Movimento (Auto)Biográfico da Educação Musical no Brasil para renovadas compreensões sobre os conceitos de formação e educação musical, a partir das pesquisas e dos estudos conduzidos no GEPAEM.

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena M. B. Biografização/heterobiografização: elaboração memorialística de uma personagem auto(hetero)biográfica em formação docente. *Linhas Críticas*, 29, e47664, p. 1-21. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/47664/38270>. Acesso em: julho de 2025.

ALMEIDA, Jéssica de. *Biografia Músico-Educativa: Produção de Sentidos em Meio à Teia da Vida*. 368f. 2019. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2019.

ALMEIDA, Jéssica de. Formação e experiência: biografia músico-educativa como procedimento de pesquisa e formação. *Revista Teias*, v. 22, p. 102-115, 2021a. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/48697>. Acesso em 29 abr. 2025.

ALMEIDA, Jéssica de. Biografias músico-educativas de licenciandos em música: histórias de vida e seus processos formativos na graduação. *Revista da Abem*, v. 29, p. 178-198, 2021b. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/883/603>. Acesso em: 29 abr. 2025.

ALMEIDA, Jéssica de. Perspectivas da pesquisa (auto)biográfica para a educação musical: um exercício metanarrativo. *Revista Orfeu*, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 12 - 24, abr. 2022. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/21612>. Acesso em: 29 abr. 2025.

ALMEIDA, Jéssica de; TEIXEIRA, Ziliane Lima de Oliveira. Outros contornos para a formação docente em música: biografia músico-educativa como uma proposta de pesquisa-formação. *Revista Hodie*. 2025, no prelo.

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. Formação de professores de música: desafios éticos e humanos para pensar possibilidades e inovações. *Revista da ABEM*, v. 24, n. 36, p. 8-22, 2016.

Disponível em:

<http://www.abemeducaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/595>. Acesso em: 29 abr. 2025.

BOWMAN, Wayne D. Why do humans value music? *Philosophy of Music Review*, v. 10, n. 1, p.1-10, 2002. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40327176>. Acesso em: 29 abr. 2025.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. *Roteiro*, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 67-86, 2016. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9267>. Acesso em: jan. 2022.

PASSEGGI, Maria da Conceição. O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: esboço de suas configurações no campo educacional. *Investigación Cualitativa*, v. 2, n. 1, p. 6-26, 2017.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Reflexividad narrativa: "vida, experiencia vivida y ciência". *Revista de Educación de la Universidad de Málaga*, v. 1, n. 3, p. 91-109, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uma.es/index.php/mgn/article/view/9504/10351>. Acesso em: 19 mar. 2025.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Enfoques narrativos en la investigación educativa brasileña. *Revista Paradigma*, v. XLI, p. 57-79, 2020. Disponível em:

<https://revistaparadigma.com.br/index.php/paradigma/article/view/929/827>. Acesso em: 19 mar. 2025.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Reflexividade narrativa e poder auto(trans)formador. *Revista Praxis Educacional*, v. 17, n. 44, p. 1-21, 2021. Disponível em:

<https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/8018>. Acesso em: 19 mar. 2025.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Transformações das figuras de si e do outro na mediação biográfica. *Linhas Críticas*, v. 29, e48135, 2023. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/48135/38465>. Acesso em: 19 mar. 2025.

Voz e violino: relatos investigativos a respeito de construções (auto)biográficas

Simpósio

Antonio Victor Suassuna Mélo da Moita
Universidade de Brasília
tomsuassuna@gmail.com

João Victor Gonçalves da Silva
Universidade de Brasília
joavictorgoncalves5@gmail.com

Resumo: O objetivo do relato a seguir é expor experiências de dois integrantes do grupo, os quais utilizaram a pesquisa (auto)biográfica em suas investigações. As leituras e discussões realizadas no grupo foram de grande auxílio para a construção das pesquisas relatadas a seguir, justificando a escolha dos relatos. Assim, o texto foi construído da seguinte forma: introdução, relatos individuais e considerações finais. Na introdução, contextualizamos o ingresso dos participantes e a influência das leituras prévias na construção das pesquisas. Nos relatos, detalhou-se as experiências individuais e as aspirações futuras dos pesquisadores. Por fim, nas considerações finais é proposta uma reflexão sobre as habilidades que pesquisadores (auto)biográficos devem desenvolver em conjunto com o grupo.

Palavras-chave: (Auto)biográfica; Relato de experiência; Identidade Vocal; Formação de Violinistas.

Introdução

Nos vinculamos ao GEPAEM no ano de 2024, ao mesmo tempo em que estávamos no processo de construção de pesquisa dos nossos trabalhos de conclusão de curso. Adentrando o contexto proposto no grupo, além de experimentar, desde o início, as oportunidades de estudos, reflexões e diálogos com alunos da pós-graduação em música, foi possível construir um contato primário, mas de desenvolvimento potencializado, com a perspectiva (auto)biográfica e o que este âmbito de pesquisa pode revelar como estudo e fator científico. A partir do debate sobre a pesquisa (auto)biográfica, especialmente com o olhar voltado para esta em produções sobre educação musical e formação de professores. Em meio a isso, fomos propostos a leitura de dois livros, *Caminhar para Si* (Josso, 2010) e *Experiências de Vida e Formação* (Josso, 2004).

Em formato de encontros presenciais e quinzenais para discussão dos textos, e encontros assíncronos para a leitura dos capítulos das duas obras, pudemos construir uma dinâmica de debate e potencialidade de referenciais teóricos com as leituras previstas da semana. Assim, visto que ambos os trabalhos se propuseram investigar a formação de músicos através de experiências e narrativas (auto)biográficas, o grupo de pesquisa se tornou uma importante ferramenta para a construção do referencial teórico dos trabalhos.

Dessa forma, a partir deste momento serão apresentados os relatos individuais dos pesquisadores com objetivo de ilustrar as influências teórico-metodológicas presentes na construção das investigações propostas por cada uma das nossas linhas de pesquisa.

A voz como espelho formativo e narrativa (auto)biográfica musical do cantor

Para o primeiro pesquisador desta comunicação, surgiu, a partir dos pensamentos de Marie-Christine Josso, a ideia de alinhar as obras da autora com o intuito de pesquisar a formação de cantores no Brasil. Com meus estudos iniciados anteriormente no ano de 2023, ao integrar o projeto intitulado Movimento (Auto)biográfico da Educação Musical no Brasil, proposto pela professora Jéssica de Almeida, foi possível tecer uma ligação e ideia de pesquisa entre os dois contextos de contato com a pesquisa (auto)biográfica.

Com isso, desdobrou-se a minha pesquisa *O processo de formação de cantores na perspectiva (auto)biográfica* (Silva, 2025), por ser o produto da conjuntura entre o meu trabalho no PIBIC e meus estudos no GEPaEM. A partir disso, utilizei textos (auto)biográficos que tive a oportunidade de ler e analisar no projeto (anais de eventos, artigos científicos, teses e dissertações) para tentar encontrar traços do que estes poderiam revelar sobre a formação de cantores no Brasil, o que se alinhou com as ideias fomentadas pela minha participação no grupo.

Ao construir o meu TCC, sob a orientação da professora Jéssica de Almeida, decidi desenvolver a revisão bibliográfica baseada na crescente da pesquisa (auto)biográfica na educação musical no Brasil, a partir de dados levantados por alunos do PIBIC; teci o capítulo teórico com a ideia de exercitar uma escrita com as obras *Caminhar para Si* (2010) e *Experiências de Vida e Formação* (2004) dividida em duas partes — a primeira como um exercício de compreensão própria dos conceitos da autora acerca de formação e processos de

formação e a segunda, construindo um diálogo dos conceitos e pensamentos de Josso envolvendo destrinchamentos e aproximações com o canto. Os objetivos da minha pesquisa foram evidenciados na metodologia proposta, onde o capítulo teórico e o capítulo de análise viriam a concretizá-los.

A análise do meu trabalho foi a junção da pesquisa que desenvolvi no âmbito da iniciação científica e dos pensamentos de Josso, meus dois contextos de pesquisa (auto)biográfica até então, como dito anteriormente. Foi possível utilizar as leituras colhidas no projeto para tentar encontrar o que produções (auto)biográficas abordam sobre a área do canto e traçar um processo de compatibilidade com os pensamentos de Josso e minhas próprias reflexões como cantor. Desta forma, pude fazer fichamentos dos textos analisados, trazer os conceitos dos “níveis de experiência” de Marie-Christine Josso e identificar, nas falas de cantores contribuintes dos trabalhos, elementos que caracterizavam cada um dos níveis propostos. Nesta atividade foi feito tanto o encontro teórico com a prática narrada pela voz dos cantores quanto a proposta de exercício de interligação entre as produções analisadas e as histórias dos contribuintes para compor ainda mais os pensamentos de Josso, meus próprios ponderamentos e os resultados da minha pesquisa.

Após concluir esta fase da minha graduação, me deparei com uma possibilidade de encaminhamento de pesquisa de pós-graduação que se mostrou em meio a reflexão e autocrítica pré, durante e pós TCC. Notei como a (auto)biografia tornou possível o tema da minha pesquisa e a obtive a percepção do quanto eu poderia levar em consideração o meu eu como professor, cantor, pianista e pesquisador no meu próprio trabalho me forneceu a continuidade de pesquisa que eu almejava. Além disso, pensar em que tipo de reflexão todas estas facetas, atreladas às produções analisadas, aos pensamentos de Marie-Christine Josso e a mim como autor e protagonista da minha narrativa podem dizer, revelar e fornecer como fator científico.

Desta forma, comecei a pensar em como praticar uma reavaliação do modo como me vejo, como me identifico e como conto a minha história, ao passo em que transformo e sou transformado pelas minhas experiências, na busca de um processo de formação existencial dinâmico, praticando de forma plena o ato de caminhar para si (Josso, 2010).

A partir das sínteses e produto de pesquisa (auto)biográfica que meu trabalho me forneceu, percebi o quanto é importante pensar a construção de ser biográfico de um cantor, primeiramente, a partir dos conceitos que precisamos entender antes do ato de cantar e de falar. Cheguei à conclusão de que se referir à “voz”, ao “canto” e ao “cantar” com a mesma intenção e profundidade nos distancia da compreensão da figura do cantor como fonte (auto)biográfica, por não fornecer pelo menos a tentativa de concretizar, em narrativa e em pesquisa, o mundo abstrato que habita no corpo concreto do indivíduo. Por mais que estes três conceitos sejam catalisadores da expressão social e intelectual do sujeito, seus significados variam dependendo de como os analisamos e os utilizamos. Então, mostrou-se necessário, antes de tudo, entender o que é voz, o que é canto e o que é cantar.

Em meio aos questionamentos que englobam estes elementos singulares e plurais, reflito que talvez, para compreender o processo identitário e formativo do cantor, deve-se refletir sobre o que cada um desses procedimentos pode revelar e se, a partir de tudo isso, que o canto se torna (auto)biográfico.

Motivado por todas essas perspectivas ressaltadas que surge o meu interesse e plano de seguimento de pesquisa, onde me lanço na intenção de pesquisar a voz como um espelho formativo do cantor e fator potencializador da identidade vocal, partindo da ideia de que a voz possa ser uma identidade narrativa musical.

Partindo desse pressuposto, para compreender e estudar as complexidades do canto se faz fundamental o cuidado com suas especificidades para entender, através da narrativa de cantores, a plena prática da reflexividade e a busca de um pensamento que traduza a experiência do abstrato para o concreto ao narrá-la. Passei a reiterar meus estudos acerca de Josso e isto instigou-me a pensar em como problematizar e descrever a experiência, para chegar a compreender o que é e como esta ocorre com e no canto.

Surgiu-me, então, um emaranhado de cuidados para se pensar na minha pesquisa por conta do que é a área do canto. É preciso percorrer vales teóricos e lugares em que a prática conta por si só o que se busca saber e fornece voz ao sujeito. Com isso, surge a dúvida se a voz se torna uma espécie de espelho do cantor e se, até mesmo, esta seja uma identidade narrativa musical. Diante disso, o pensamento de que a voz, por si só, possa ser um ato biográfico é manifestado e afasta a ideia de que ela só se torna um ao cantar.

Para começar de algum lugar, creio que é preciso apontar o canto como objeto e o que é específico deste que possa trazer esses elementos identitários e formativos.

Vejo que o tema proposto pode me fornecer a oportunidade de estudo das características que são únicas da prática e formação em canto. Talvez, com isso, seja propiciada a chance de olhar para a voz como fator primário de construção de identidade quando se reflete sobre os contextos que separaram, interligam e diferenciam voz de perspectivas que surgem a partir de seu reconhecimento como ato.

Penso que a voz não começa no ato de cantar, nem mesmo de falar. Penso que a voz é e começa como mente, como corpo e como lugar. Esse trio apresenta o indivíduo cantando sem cantar e dizendo sem dizer suas memórias, sua história, sua postura e entoação, no canto, suas marcas, seus traumas, suas resistências, seus gostos e sua personalidade. A voz, a partir do canto, fornece a expressão da inerência e existência de um indivíduo.

Desta forma, a (auto)biografia se mostra chave para tentar demonstrar a voz como ato biográfico, o que pode abrir o caminho inicial para compreender as ramificações do ser e suas facetas como corpo biográfico e contador praticante de sua própria história. Penso que, além disso, incorporar os pensamentos de Josso a esses ponderamentos pode revelar o quanto um diálogo teórico ampliado poderia auxiliar na visão de experiência e formação a partir de destrinchamentos propiciados pelas características e específicas da voz e tudo que surge através dela. Com isso, comecei a me perguntar se é possível identificar como a voz e o canto, individualmente e conjuntamente, ganham esta dimensão e potencial caráter identitário e (auto)biográfico.

Acredito que o aspecto formativo do canto está justamente em sua capacidade de servir como ferramenta de reflexão sobre o próprio sujeito. Logo, entendo que cantar possui o potencial de converter-se em um espaço de mediação entre o "ser" e o "tornar-se" (Josso, 2004), em que o cantor pode praticar a construção de sua identidade vocal e artística.

Esta pesquisa, sob a luz da perspectiva (auto)biográfica, se torna importante e crucial para obter-se uma imagem mais clara e mais ampla do sujeito cantor e sua formação em canto. O estudo científico acerca da identidade e narrativa geradas a partir do indivíduo e de sua voz pode ser uma alternativa para compreender sua formação, sua atuação e sua

trajetória e pode fornecer respostas às perguntas que foram geradas a partir das reflexões ponderadas.

É a partir desta premissa que penso dar continuidade a minha pesquisa, por se mostrar importante investigar como as abordagens (auto)biográficas possibilitam acessar essas subjetividades e de que maneira estas fomentam e/ou corroboram na formação e identidade vocal do cantor.

Os processos formativos do violinista atuante no meio não tradicional

Na experiência de investigação do segundo pesquisador, a pergunta de pesquisa partiu do questionamento: Qual lugar do violino na música urbana, gerando a pesquisa intitulada *O violino na música urbana do Distrito Federal na perspectiva de um violinista popular* (Moita, 2024). Se utilizou na pesquisa o conceito de lugar proposto por Cunha (2008), que se refere à lugar não como a definição convencional geográfica, mas, sim, a definição de quais aspectos subjetivos e culturais perpassam a presença do instrumento em dos contextos além do meio tradicional de música de concerto.

Assim, visto que o violino não tradicional ainda é um tema muito recente nos meios de pesquisa científica (Moita, 2024), o formato de pesquisa (auto)biográfica proposta nas leituras de Josso se mostrou uma ferramenta metodológica ideal para alcançar os objetivos propostos no trabalho, pois para compreender como violinistas não tradicionais chegaram nos lugares que ocupam, é necessário dar voz às narrativas pessoais do pesquisador, que é um violinista atuante fora do meio tradicional.

Dessa forma, o referencial teórico de Josso e as discussões propostas no GEP AEM foram de grande valor para a construção da pesquisa, integrando os capítulos teórico-metodológico da pesquisa e a transformando em um caráter (auto)biográfico.

Além do relato exposto, a convivência com o grupo, onde os participantes também são pesquisadores que utilizam a metodologia (auto)biográfica em seus trabalhos, encarando a história de vida dos participantes como material legítimo de investigação, possibilitou discussões frutíferas para o desenvolvimento não só da pesquisa de conclusão de curso do pesquisador, como também para sua continuidade, a qual agora, em 2025 no segundo semestre de GEP AEM, foi transformada em um projeto de pesquisa de mestrado.

Assim, o projeto intitulado *Os caminhos e lugares do violino na música urbana do Distrito Federal: uma análise autobiográfica a partir das perspectivas de violinistas para compreender como ocorre a formação de violinistas atuantes fora do meio tradicional* nasceu da percepção de como a trajetória de vida é um fator determinante na história de cada um, visto que tenho colegas que passaram pela mesma formação que eu e não seguiram para os caminhos alternativos do uso profissional do violino.

Partindo da discussão proposta por Marie Christine Josso (2010) através da Teoria da Formação Humana, foi possível perceber que é possível dar sentido aos processos formativos ao criar um diálogo entre eles e experiências de vida de cada indivíduo. Em suma, constatei que a chave para a compreensão do meu processo formativo estaria na minha história e conseqüentemente em meus aprendizados e conhecimentos (Josso, 2010). Assim, o projeto de pesquisa, desenvolvido agora para uma pesquisa de mestrado, convida o violinista não tradicional a se apropriar da própria história e narrativa, propiciando que o próprio narrador crie significados sobre sua formação (Passeggi, 2016), integrando a epistemologia acerca do violino não tradicional brasileiro.

A pesquisa desenvolvida é de cunho qualitativo e, por utilizar a metodologia (auto)biográfica, está subentendido a ideia do sujeito epistemopolítico, ou seja, o pesquisador, assim como os participantes, não está deslocado de sua realidade durante a pesquisa e muito menos imparciais com relação ao seu objeto de estudo que é a formação (Almeida, 2021). Assim, o conhecimento produzido na pesquisa é fruto da interação do pesquisador com sua história através das narrativas, assim como as narrativas dos participantes. Em outras palavras, a pesquisa (auto)biográfica se debruça sobre como o indivíduo se torna o que é, partindo de teorizações assim como de práticas de conhecimento (Josso, 2010).

Por fim, o processo metodológico da pesquisa parte da pesquisa de Almeida (2019), outra leitura compartilhada no grupo de pesquisa, que utiliza a biografia músico-educativa como ferramenta (Almeida, 2019). Buscando formar um grupo composto por violinistas que atuem profissionalmente fora do meio tradicional, serão realizados 3 momentos de produção e criação em conjunto. O procedimento mencionado busca proporcionar encontros e momentos de criação partindo tanto da narrativa e escuta quanto da reflexão crítica, por parte

dos participantes, a respeito não só de sua própria história, mas também a respeito da história do outro (Almeida, 2019). Dessa forma, a pesquisa busca construir, um conjunto com seus participantes, uma teia de conhecimentos que corrobore com os processos de formação de violinistas atuantes fora do meio tradicional.

Considerações finais

Visto que a formação é um conjunto de processos que integram a existência de cada indivíduo, a pesquisa (auto)biográfica se mostrou uma ferramenta valiosa para investigar os processos mencionados, onde muitas vezes a pesquisa acadêmica não se insere. Com os relatos apresentados neste simpósio, fica evidente a relevância, a influência e o impacto do GEPAEM nas produções que utilizam a pesquisa (auto)biográfica em sua metodologia, além das contribuições do campo (auto)biográfico para a configuração de novos e renovados conhecimentos para a Educação Musical.

Muitas vezes a pesquisa, derivando-se de uma linha de pensamento positivista, considera o sujeito pesquisador apenas como um indivíduo epistêmico, ou seja, que produz conhecimento, mas o desconsidera como um sujeito empírico (Passeggi e Souza, 2020). Esta dicotomia acaba por desconsiderar o conhecimento derivado das vivências do indivíduo em detrimento do conhecimento formal, que vem de fora, depositado na consciência do pesquisador e não criado por ele a partir de suas experiências e de sua capacidade de reflexividade (Passeggi e Souza, 2020).

Assim, a pesquisa (auto)biográfica é um estudo qualitativo que utiliza a ideia do sujeito epistemopolítico, ou seja, o pesquisador, assim como os participantes, não está deslocado de suas realidades durante a pesquisa e muito menos imparciais com relação ao seu objeto de estudo que é a formação (Almeida, 2021). Dessa forma, o conhecimento construído nas pesquisas do grupo são frutos da interação do pesquisador que, ciente de sua história e das implicações dela em sua formação e na construção da pesquisa, medeia a construção da investigação em conjunto com os participantes, que trabalham suas narrativas de história de vida, por ele motivados. Em outras palavras, a pesquisa (auto)biográfica se debruça sobre como o indivíduo se torna o que é, partindo de teorizações, assim como de

práticas de conhecimento (Josso, 2010), sejam essas práticas emergidas de um contexto institucionalizado ou não.

Se torna evidente a importância da narrativa no processo da pesquisa (auto)biográfica e, portanto, o grupo se tornou uma potente ferramenta catalisadora de construção de conhecimentos livres de amarras conservadoras e abrindo espaço para novas investigações e formas de pesquisa. Com os ponderamentos apresentados, fomenta-se a ideia e possibilidade de diálogo de pesquisa acadêmica com outros grupos de pesquisa (auto)biográfica, o que pode propiciar aproximações e alinhamentos com novas discussões em grupo que venham a interceder nas pesquisas e aspirações individuais dos integrantes.

Além disso, propõe-se a escuta ativa, o espaço de escrita e a abertura de discurso a partir do grupo de estudos de pesquisa (auto)biográfica. Desta forma, pressupõe-se que, assim como as habilidades musicais, a escuta e o acolhimento de narrativas escritas e narradas sejam habilidades como ato de aprendizagem e aprimoramento. Assim, espera-se que o grupo de estudos também seja um espaço que forneça base e auxílio para tal desenvolvimento no repertório de habilidades dos pesquisadores.

Referências

ALMEIDA, Jéssica de. *Biografia Músico-Educativa: Produção de Sentidos em Meio à Teia da Vida*. 368f. 2019. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2019.

ALMEIDA, Jéssica de. Formação e Experiência: biografia músico-educativa como procedimento de pesquisa e formação. *Revista Teias*. Rio de Janeiro, v. 22, n. 64, p.102 – 115, 2021. Disponível em <https://www.epublicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/48697/37047>

CUNHA, Maria Isabel da. Os conceitos de espaço, lugar e território nos processos analíticos da formação dos docentes universitários. *Educação Unisinos*, São Leopoldo, v. 12, n. 3. p. 182-186, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4496/449644447004.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2025.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. *Caminhar para si: formar-se e transformar-se*. Porto Alegre: Edufrgs, 2010.

PASSEGGI, Maria da Conceição. *Narrativas da Experiência na Pesquisa Formação: do Sujeito Epistêmico ao Sujeito Biográfico*. Roteiro, v. 41, n.1, p. 67-86, 2016.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de. *Enfoques Narrativos em la Investigación Educativa Brasileña*. Revista Paradigma, v.XLI, p. 57-79, 2020.

MOITA, Antonio Victor Suassuna Mélo da. *O Violino na Música Urbana do Distrito Federal na Perspectiva de um Violinista Popular*. 41f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música) - Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2024.

SILVA, João Victor Gonçalves da. *O processo de formação de cantores na perspectiva (auto)biográfica*. 87f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música) - Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2025.

Pequenas narrativas (auto)biográficas de experiência, encontro e expressão

Simpósio

Rodrigo Honorato Matos

Universidade de Brasília

rodrigohonoratomatos@gmail.com

Clara Lua Vargas Guerra

Universidade de Brasília

claraluaensina@gmail.com

Resumo: Este trabalho apresenta relatos de experiência de integrantes de um grupo de estudos sobre contribuições das perspectivas (auto)biográficas para a formação docente. Pretende, primordialmente, situar experiências individuais de pesquisa em suas relações com o grupo, tentando evidenciar o impacto e importância da experiência coletiva de estudos, discussões e trocas sobre as perspectivas (auto)biográficas para a formação. São delineadas algumas reflexões sobre elas a partir das contribuições de autores estudados no grupo, a fim de construir um panorama teórico-metodológico provisório sobre o qual repousam os relatos. As experiências individuais relatadas tratam do desdobramento de pesquisas que abordam o processo de formação em um horizonte (auto)biográfico de pesquisa, em especial quanto a questões relacionadas a formas de expressão da narrativa em um processo de (auto)formação e a uma constituição interativa entre a singularidade e a alteridade em uma pesquisa-formação.

Palavras-chave: Pesquisa (Auto)Biográfica; Pesquisa-Formação; Formação docente em música.

Introdução

Este trabalho apresenta relatos de experiência sobre atividades realizadas no Grupo de Estudos e Pesquisas (Auto)biográficas em Educação Musical (GPAEM), instituído com o objetivo de debater as contribuições das perspectivas (auto)biográficas para a formação. Os relatos tratam do desdobramento de estudos que abordaram o processo de formação em um horizonte (auto)biográfico de pesquisa. As atividades do grupo exerceram considerável influência na contextualização e problematização dos embrionários percursos de pesquisa apresentados a seguir.

A *cantautora* e graduanda em Licenciatura em Música descobriu o movimento (auto)biográfico a partir de uma disciplina, quando ao buscar reconhecer-se na produção

acadêmica e contribuir para sua comunidade, decidi procurar trabalhos científicos que abordassem aulas de música para pessoas com transtornos de humor. Diante da escassez de publicações, a professora da disciplina a convidou a produzir o projeto da disciplina sobre sua trajetória pessoal e profissional, já que possui um diagnóstico dessa natureza, levando a autora a enxergar suas vivências como um conhecimento científico pela primeira vez, algo estrangeiro para quem só conhecia metodologias distantes da primeira pessoa. Coursou outra disciplina com a mesma professora, o que facilitou a produção de seu relatório final sob esse viés, consolidando seu interesse pelo movimento e levando-a a integrar o GEPAEM. Paralelamente, viveu seu autodescobrimento como pessoa autista e com condições crônicas. Hoje se dedica a produzir sobre sua trajetória de formação, e explora a composição musical como forma de devolver a narrativa pessoal e educacional a partir de metodologias (auto)biográficas para alunos e professores que vivem com deficiências e condições crônicas.

O autor teve seu primeiro contato com as perspectivas (auto)biográficas para a formação em uma disciplina de estágio supervisionado em música do curso de graduação. Mais especificamente, a elaboração de seu relatório final do estágio, por sugestão da orientadora, tomou forma de um relato sob uma perspectiva (auto)biográfica. Instigado pela oportunidade de imprimir expressões de sua subjetividade à narrativa, produziu um relatório que teve como fio condutor um jogo de ambiguidades na qual foram entrelaçadas experiências de vida e criações ficcionais, além de trazer elementos imagéticos que dialogavam com o relato. Deste ponto de partida, utilizou o relatório como objeto de estudo do trabalho final de conclusão de curso (Matos, 2025), buscando compreender possibilidades de relação entre os aspectos (auto)biográficos e de criação artística que fizeram parte da narrativa (Matos; Almeida, 2025). À época, com a finalidade de facilitar seu estudo da parte teórica e metodológica das perspectivas (auto)biográficas, ingressou no GEPAEM. Atualmente, segue pesquisando sobre a exploração de diferentes modos narrativos na condução de um processo de (auto)formação em um projeto de pesquisa-formação, buscando compreender como a expressão narrativa se relaciona aos fatos biográficos e ao processo de biografização.

O objetivo da apresentação dos relatos consiste em situar experiências individuais de pesquisa em suas relações com o grupo, tentando evidenciar o impacto e importância da

experiência coletiva de estudos, discussões e trocas sobre as perspectivas (auto)biográficas para a formação de dois de seus integrantes. Buscamos, assim, pôr em evidência questões relacionadas a formas de expressão da narrativa em um processo de (auto)formação e a uma constituição interativa entre a singularidade e a alteridade em uma pesquisa-formação.

O objeto de estudo do grupo: as perspectivas (auto)biográficas

A investigação/pesquisa de natureza (auto)biográfica se sustenta na perspectiva de transformar em um objeto de reflexão a história de vida de uma pessoa ou de um grupo, explorando a construção de subjetividades/identidades que emergem em um processo de narração de experiências e busca de sentido. Pretende, assim, compreender o movimento dialético entre o individual e o social que se projeta por meio da expressão de um itinerário de formação, na qual são postas em evidência as maneiras como “os indivíduos integram, estruturam, interpretam os espaços e as temporalidades de seus contextos histórico-culturais” (Passeggi, 2011, p. 29).

Segundo Passeggi (2011), este tipo de pesquisa se fundamenta sob três princípios: (i) que a realidade a que temos acesso é construída por representações mutáveis estruturadas a partir de percepções subjetivas, (ii) que o processo narrativo revela a historicidade de sujeitos pela mediação da linguagem, em um processo interpretativo que os permite criar versões provisórias de si, e (iii) que, ao colocar a pessoa humana na posição de foco e protagonismo da investigação e buscar a superação de uma concepção metodológica fragmentária da compreensão de um objeto de estudo no qual pensamento, linguagem e práxis social estão intimamente ligadas, se apresenta, antes de tudo, como um “posicionamento epistemopolítico” (Passeggi, 2011, p. 29-30). Pineau e Legrand reconhecem nessa *aposta epistemopolítica* a união inseparável que se estabelece entre política e epistemologia na pesquisa educacional que acolhe o (auto)biográfico (Pineau e Legrand, 2012, apud Passeggi, 2020, p. 70). Estamos, aí, em um campo de batalha no qual a afirmação do direito e validade das expressões autorreferenciais se opõe ao apagamento operado por dispositivos instituídos de gestão da vida. Nas palavras dos autores:

(...) as histórias de vida podem ser técnicas poderosas de sujeição dos sujeitos por poderes epistemocráticos, assim como meios igualmente poderosos de autonomização desses sujeitos pela conjugação pessoal de seus

determinantes, que inaugura uma epistemodemocracia! Em ambos os casos, elas constituem “biopoderes” importantes, tanto para a arte de governar quanto para a arte de existir (Pineau; Legrand, 2012, p. 97-98).

Tal posicionamento integra o que Passeggi e Souza (2017) consideram ser a tríplice aposta da “aventura (auto)biográfica no mundo científico”. Para esses autores, o estudo realizado em uma perspectiva (auto)biográfica está acompanhado de uma aposta epistemopolítica, que almeja a superação de interpretações culturais excludentes mediante práticas de emancipação e empoderamento; de uma aposta pós-colonial, que estimula a reflexividade e interpretação por parte de sujeitos historicamente alheios à produção do conhecimento; e de uma aposta pós-disciplinar, que solapa as divisões e fronteiras das disciplinas científicas em favor de uma metodologia da descoberta e da exploração, conferindo àqueles que narram e interpretam a si mesmos liberdade de percurso para (re)interpretarem suas histórias de vida (Passeggi; Souza, 2017, p. 10-12).

As pesquisas dessa natureza se assentaram, conforme Passeggi (2011), em dois eixos de investigação, que servem como parâmetro didático para abordar as diferentes práticas do campo (auto)biográfico. Um primeiro que trata as fontes biográficas como método, seja buscando compreender os fatos narrados na interação entre os contextos pessoais e sócio-históricos em que se inserem, ou seja analisando as tradições discursivas que fazem a mediação do processo narrativo. E outro, que se ocupa, essencialmente, das narrativas de si como práticas de formação em processos de pesquisa-ação-formação relacionados à formação de adultos e à formação do formador (Passeggi, 2011, p. 32-37). Quatro orientações emergem desses eixos de investigação: a constituição das fontes, as tradições discursivas, a formação do adulto e a formação do formador. Elas podem ser pensadas a partir das seguintes questões: Como uma pessoa se torna o que é? Como uma pessoa narra a si mesmas? Como uma pessoa dá sentido às suas experiências? Como uma pessoa que narra sua história de vida pode produzir conhecimento sobre si? (Passeggi; Souza, 2017, p. 10).

A partir desse panorama, incorporado ao que Passeggi chama de “paradigma narrativo-autobiográfico” da pesquisa qualitativa em educação (Passeggi, 2020, p. 60), podemos entender o deslocamento produzido pelas abordagens (auto)biográficas que se utilizam das histórias de vida em formação – com relação ao modelo clássico da pesquisa educacional –, ao nos interrogarmos sobre “quem pesquisa”, “o que se pesquisa”, “como se

pesquisa” e “por que se pesquisa”. Sob a ótica de uma pesquisa-ação-formação, entram em cena sujeitos-pesquisadores, práticas não instituídas e aprendizagens experienciais, metodologias interativas em perspectivas transdisciplinares/pós-disciplinares, para mirar a dissolução das barreiras entre teoria e prática, sujeito e objeto, pesquisa e ação, a fim de construir um projeto emancipatório por meio da conscientização e autonomização das pessoas em formação (Passeggi, 2016, p. 74-75).

Assim, o objeto e a finalidade de uma pesquisa-ação-formação requerem que sejam investigadas as experiências contidas nas trajetórias de seus agentes, experiências essas que somente se farão visíveis por meio do ato de narrar e refletir. Passeggi sugere que o sujeito, no processo de dar sentido à sua vida, deve reconstruir uma versão de si por meio da narrativa. E, mais que isso, a própria construção de um “eu” é dependente de uma atividade que o expresse, um ato de linguagem (Passeggi, 2021, p. 2-3). O que se pressupõe, enfim, é que a compreensão do “eu” precisa necessariamente recorrer à narração para que possa, a partir desse veículo de subjetividade, seguir à reflexão. Esse processo de reflexividade narrativa está ancorado no trabalho de organização narrativa e de interpretação das experiências vividas e narradas, no qual agem três dimensões da subjetividade: o sujeito empírico, o sujeito epistêmico e o sujeito autobiográfico. Este último surge no ato de narrar e permanece dentro do texto, consubstanciado temporariamente apenas para religar os outros dois sujeitos. A pessoa que narra a si mesma adentra a dimensão autobiográfica para poder dar sentido (dimensão epistêmica) à realidade vivida e à experiência (dimensão empírica), fundindo os modos lógico e alógico de pensar e estar no mundo (Passeggi, 2021, p. 14-17).

O percorrimto dessas três dimensões, atravessando o desdobramento e união das instâncias narrativas de quem narra, quem cria e quem protagoniza, é o que caracteriza o procedimento de autobiografização. A prática da autobiografização consiste, assim, na (re)construção da própria vida pela narrativa a fim de compreender a própria formação. Mas, há, ainda, outros modos pelos quais se produz o entendimento da formação por meios biográficos. Se posso refletir com a história que conto sobre mim, posso ainda refletir sobre a história que alguém conta sobre si ou sobre outra pessoa. A criação, escuta ou leitura de narrativas são atividades que estão imbricadas na formação humana e fundantes para o estabelecimento de uma reflexividade. Seja pela autobiografização, em que narro meu “eu”,

pela biografização, em que alguém narra outrem, ou pela heterobiografização, em que absorvo o que alguém narra de si, é no “aprofundamento do olhar sobre os modos como o humano (...) (re)elabora a experiência vivida e, por conseguinte, os processos de formação”, que nos depararemos com a disrupção epistemopolítica que o paradigma narrativo-autobiográfico pretende provocar (Passeggi, 2021, p. 5-10).

Tentamos esboçar, nos parágrafos anteriores, um pouco dos conceitos e práticas das abordagens (auto)biográficas em educação que foram trabalhados coletivamente no grupo de estudos. Os relatos a seguir têm o propósito de narrar as experiências que tivemos como integrantes, relacionando-as à nossa formação musical.

Relato da autora

Como pessoa com deficiência de laudo tardio, encontro-me constantemente no processo de ressignificação de experiências que antes pareciam fragmentadas e sem explicação. Quando cito Passeggi (2011) ao dizer que busco enlaçar a razão que quero dar sentido à experiência de vida, estou abordando algo mais profundo do que minha atuação profissional, porém intimamente conectado com ela. Abordo a minha re(criação) e re(existência) como ser humano cujo corpo e mente foram marcados por violências estruturais. Violentados, reconstruídos e fortalecidos. Minha narrativa não é sobre superação individual ou exemplo de resiliência, mas sobre (re)existência coletiva em espaços que historicamente excluem corpos e mentes como os meus, e mais ainda de tantos outros com menos oportunidades e suporte.

O grupo de pesquisa foi fundamental nesse processo de auto(re)conhecimento. Nele, minhas necessidades como pesquisadora com deficiência, crônica e rara, incluindo adaptações e flexibilidade para imprevistos de saúde, não foram tratadas como problemas, mas como parte constitutiva e legítima do trabalho intelectual. Essa experiência me proporcionou não apenas ferramentas metodológicas, mas principalmente a coragem para ocupar meu lugar na produção acadêmica. Hoje, levo esse aprendizado para minha prática docente, onde trabalho para que meus alunos com deficiência possam ser protagonistas de suas próprias trajetórias, assim como eu precisei aprender a ser.

Os dados preliminares do Censo 2022 (IBGE, 2025) revelam que das 14,4 milhões de pessoas com deficiência no Brasil que existiam na época, apenas 7,4% concluem o ensino superior. Esses números não são acidentais, mas resultado de um sistema educacional que falha sistematicamente em garantir acessibilidade real, e evidenciam a grande necessidade de produções, práticas e adaptações profissionais voltadas à educação e protagonismo de pessoas com deficiências em suas vidas, trajetórias de formação profissionais e pessoais. A partir das leituras e reflexões do grupo pude perceber e solidificar possibilidades de atuação como professora que enxerga o aluno não apenas como parte de uma rotina de trabalho, porém como um ser humano protagonista do seu próprio processo e parte da minha formação como profissional e pessoa.

Nos estágios supervisionados da Licenciatura em Música, dois deles realizados exclusivamente com pessoas com deficiência, em sua maioria neurodivergentes, desenvolvi oficinas de composição musical que partiam da reflexão coletiva sobre vivências pessoais, utilizando recursos visuais adaptados, comunicação acessível e para proporcionar um espaço de reflexão em grupo sobre as experiências de vida, gostos, desejos e necessidades de pessoas com deficiências. Cada atividade era construída em diálogo (verbal e não verbal) com os participantes, garantindo que as adaptações fossem parte orgânica do processo criativo. A criação musical surgia dessas trocas, como no caso de materiais de diferentes texturas e cores para representar acordes, solução que emergiu das necessidades específicas do grupo durante nossas oficinas.

Como mais nova integrante do GEPAEM, pretendo abordar as minhas próprias composições no meu trabalho de conclusão de curso e como elas refletem na minha trajetória pessoal e profissional que a partir da vivência no grupo de pesquisa percebo que são intimamente interligadas. A partir desta análise da minha trajetória, tenho a intenção de abordar a prática composicional de canções, porém com maior profundidade e densidade de reflexão e planejamento, no mestrado, buscando contribuir coletivamente a partir da perspectiva (auto)biográfica para a criação e recriação de espaços acadêmicos nos quais alunos e professores com deficiência exerçam maior protagonismo e encontrar maior "acessibilidade criativa" que integre suporte técnico e expressão artística de forma orgânica,

e contribuir para a construção de um repertório de referência que amplie as possibilidades de atuação para futuros educadores musicais.

Como disse um aluno durante nossas oficinas, "minha música tem o formato do meu pensamento". É essa afirmação que guia meu trabalho - a crença de que a academia pode e deve abraçar a pluralidade de nossos corpos e mentes, não como exceção, mas como possibilidade fundamental de existência e criação. Minha trajetória, marcada pelas composições que nasceram dessas experiências e pelo acolhimento do grupo de pesquisa, me mostrou que é possível construir outros caminhos para a educação musical – caminhos onde a diferença não precise ser domesticada para ser compreendida, mas possa ser valorizada como linguagem artística, pedagógica e parte integral do processo de formação de professores e alunos. Meu lugar como educadora musical está exatamente na fronteira entre minha experiência pessoal com a deficiência, minha prática profissional e minha produção artística. São essas três dimensões, inseparáveis, que me permitem hoje imaginar e trabalhar por uma academia mais plural onde a educação e a arte feita por e para pessoas com deficiências não sejam vistas apenas como adaptações de um modelo ideal, mas como expressões legítimas de múltiplas formas de existir e criar.

Relato do autor

A primeira coisa que me vêm à mente é a estrutura deste relato. Dividida em três partes, poderia representar, naturalmente, as três partes de uma redação qualquer: introdução, desenvolvimento, conclusão. Poderia pensá-la, também, como três atos que encenam minha trajetória com o grupo: quem era antes, quem fui depois e quem sou agora. Ou, quem sabe, como uma jornada de um contador de histórias que vira biógrafo e, ao fim, intérprete, ilustrando as figuras de Josso (Passeggi, 2023, p. 3). A formulação da estrutura, ao que aparenta, é uma questão que me tira mais energia do que seria ideal. O que importa, afinal de contas, é que minhas experiências sejam contadas para que sirvam de objeto à reflexão.

Meu percurso junto ao grupo foi traçado com essa última afirmação à espreita. Se o prospecto é de (re)construir a si mesmo, os aspectos que constituem minha subjetividade não

poderiam também ser revelados na maneira como me expresso e não só no conteúdo que é expresso? A constituição do “eu” como ato de linguagem (Passeggi, 2021) oferece um ângulo de resposta. Bom, se o ato de narrar é imprescindível aos propósitos (auto)biográficos, então a forma de expressão narrativa, quer sua estrutura seja triádica, em quadratura, espiralada ou levemente ficcionalizada não pode ser trivializada.

Esse então é o meu antes, quando apenas contava histórias e estórias, sem saber se minhas pequenas idiossincrasias poderiam valer de algo, por mais que a mim fossem caras. Queria inventar a mim mesmo nos meus termos, mas certamente isso seria uma ilusão. Se ao menos soubesse que Josso já propunha que “o relato de vida é, decerto, uma ficção baseada sobre fatos reais e que é esse relato ficcional o que permitirá, se a pessoa for capaz de assumir esse risco, a invenção de si autêntica” (Josso, 2008, 17). Para ela, a invenção de si deve ser pluridimensional pois a integralidade humana é polissêmica, e, desta forma, abrange também, naturalmente, a atividade artística.

Josso e Passeggi foram companheiras de viagem desde que passei a integrar o grupo de pesquisa. Da primeira, pude ler sua narrativa (auto)biográfica em *Caminhar para Si* (2010). Da segunda, porém, apenas uma pequena parte da produção científica. Mas se a narrativa de uma história de vida, enredada por experiências e reflexões, pode ser heterobiografizada, talvez seja possível também imaginar vestígios heterobiográficos em uma produção não-autobiográfica. Não digo se tratar de enxergar o autobiográfico naquilo que, nomeadamente, não o é. Mas recolher, na expressão narrativa de outrem, saberes, atitudes e conhecimentos não enunciados. No grupo, instigado pelas leituras, a imaginação corre fabulando aprendizados heterobiográficos nas conversas e anedotas, nos questionamentos, nas ações, nos gestos. E, com esses aprendizados, vejo-me em minha própria narrativa, em minhas projeções e escolhas, em meus apegos e preconceitos.

Passeggi nos alerta que, derradeiramente, “toda aprendizagem é autobiográfica” (Passeggi, 2021, p. 8), o que não significa que, por ser uma atividade subjetiva, não se mantenha aí uma constante tensão entre singularidade e alteridade, entre “os modelos possíveis de identificação com outrem (conformação) e aspirações à diferenciação (singularização)” de uma “existência singular-plural” (Josso, 2008, p. 11). Assim, sou grato ao

grupo e às autoras pela oportunidade de lê-las no sentido heterobiográfico da possibilidade de constantemente (re)inventar-me pelo outro.

Agora, chego ao acerto de contas com a música. É preciso colocar a experiência com ela em questão. Se há, na investigação (auto)biográfica, “a exigência metodológica de pensar as facetas existenciais da identidade com uma abordagem multi-referencial que integra (...) os diferentes registros do pensar humano” (Josso, 2008, p. 10), o objeto de estudo passa, então, a ser visto sob uma ótica polissêmica, na interconexão entre os mundos interior e exterior em um universo de subjetividade singular-plural. A música, assim, está imersa em um caldo de movimentações sócio-históricas e de historicidades particulares. Ela é uma das linguagens pelas quais navegamos a realidade, pelas quais narramos e construímos nossos “eus”.

Recentemente, questionaram-me se poderia explicar a diferença entre harmonia e melodia. Aos iniciados em determinadas linguagens, poderia seguir na direção de uma descrição mais objetiva de conceitos e definições estabelecidas em manuais de teoria. Daí, certamente, adviriam inúmeros problemas e dificuldades em descrever a diferença com precisão. Precisaria chegar, então, a uma versão provisória que satisfizesse a mim e a quem questiona. O caso, porém, não era esse. Ao não-iniciado, a descrição precisa seguir outros caminhos. Como vive a música por outras lentes, é preciso narrá-la de forma a dar sentido ao que se pretende descrever. A minha incapacidade de fazê-lo suficientemente naquele momento poderia ter trazido o sentimento de inadequação do meu conhecimento musical ou da capacidade de compreensão do outro, como tantas vezes aconteceu. Mas o contato com as leituras do grupo levou a um rumo diferente. Se o ato de descrever é também um ato narrativo e a narrativa é um elo entre o sujeito empírico e o epistêmico, então se faz necessário narrar a harmonia e a melodia para compreendê-las e descrevê-las. A forma que toma a narrativa neste processo é, assim, determinante para que a experiência vivida se conecte ao conhecimento. Precisaria, então, retornar ao momento em que fui questionado e narrá-las de outra maneira. Encontrar estratégias e fazer escolhas sobre como e o que entra na narrativa, em um processo consciente de “biografização” desses conceitos musicais (entendendo-os como entes dinâmicos sobre os quais podemos contar – ou inventar – histórias). Suponho, ainda, que se o interlocutor vivencia a música por sua própria experiência,

seria salutar a ela recorrermos. E que, apesar de sua experiência com a música, carece-lhe a experiência da formação musical, ou, ao menos, de uma experiência formadora sobre o objeto de conhecimento em questão – a harmonia e a melodia. Deste modo, urge que lancemos mão da história de vida musical do formador como referência para tentar compreender os caminhos narrativos que puderam propiciar o aprendizado. E nesta mediação da jornada de conhecimento, por vezes é preciso entender que a “precisão” de uma descrição não é o que está em pauta, mas a criação de experiências significativas que fundamentam a compreensão intuitiva da música na linguagem que faz sentido ao interlocutor. A descrição, nesse caso, é tão mais precisa quanto mais permitir florescer a experiência.

A experiência de vida, construída no encontro do sujeito e do mundo, no compartilhamento de percursos singulares e plurais, nos diz Josso, “é provavelmente o conceito fundador do nosso paradigma” (Josso, 2020, 45-46). Para mim, o trítone é o nome de um personagem misterioso em uma trama diabólica. Deve conter a sensação que tenho em um filme de terror. Uma ameaça ao mesmo tempo brincalhona e inescapável quando me permito ser arrebatado. São as primeiras notas de *Black Sabbath*³. Se o mesmo ator interpreta em outra peça um papel tedioso de uma dissonância que aguarda sua resolução, paciência. O socialmente determinado (em suas convenções, controvérsias e interesses), deixo ao meu sujeito epistêmico para usar como lhe aprouver. Ao sujeito empírico, que anda pelo mundo como a água se move pelo mar, entrego o que lhe é próprio e de direito, a sonoridade magnética e visceral. Enquanto isso, meu sujeito autobiográfico vai costurando provisoriamente retalhos em uma colcha que pode não ser muita coisa, mas é a minha cara.

Considerações

Como vimos, a identidade narrativa provisória que se constitui a partir do sujeito autobiográfico é mediada por linguagens e, conseqüentemente, pelos modos de expressão delas derivados. Sua tarefa principal não é a de ordenar as experiências de acordo com parâmetros já instituídos pela esfera social. O processo de aproximação com a alteridade deve ser interativo, em uma construção conjunta e retroalimentativa, em um movimento de permanentes transações e transformações. Assim, em uma pesquisa-formação, o papel

³ Faixa do álbum *Black Sabbath* (Vertigo, Inglaterra, 1970), da banda *Black Sabbath*.

desempenhado por grupos é primordial e indispensável, pois as atividades de autobiografização e heterobiografização, agindo mutuamente, “desencadeiam um processo dialético de identificação e de diferenciação que alimenta o questionamento sobre seu próprio percurso e em contrapartida o questionamento do percurso dos outros” (Josso, 2008, p. 11).

O procedimento de narrar a si mesmo, construindo pontes de ligação entre o singular e o plural, necessita invariavelmente ser instrumentalizado por linguagens. As línguas, sejam orais, escritas ou sinalizadas, são usualmente lembradas como os caminhos naturais de expressão, especialmente quando a enunciação se faz em prosa, em um relato pretensamente fidedigno da experiência vivida. Mas construímos narrativas também por meio de outras linguagens, que podem ser úteis para o trabalho do sujeito autobiográfico. Realidades imaginárias como as obras artísticas, por exemplo, podem servir concretamente de “fontes de referências para simbolizar situações, acontecimentos que permanecem sem palavras para serem ditos, descobertas de outros universos possíveis” (Josso, 2008, p. 14).

A participação em um grupo de pesquisa oferece uma oportunidade para que pensemos nossa trajetória em múltiplas dimensões e registros. Este amparo permite que a interpretação de uma história de vida tome forma a partir de experiências individuais e compartilhadas e da interação entre elas, bem como dos diferentes modos de expressão das narrativas (auto)biográficas. A música, nesse quadro, emaranha-se por todos os cantos. E a experiência musical, que atravessa tanto a sensibilidade subjetiva quanto determinações sociais, culturais e históricas, orienta o processo de (auto)formação ao ser instrumentalizada narrativamente como objeto, contexto ou linguagem.

Referências

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Demográfico 2022: Pessoas com deficiência e pessoas diagnosticadas com transtorno do espectro autista – Resultados preliminares da amostra*. Rio de Janeiro: IBGE, 2025. Acesso em: 2 julho de 2025.

JOSSO, Marie-Christine. As identidades biográficas são sustentadas por uma existencialidade evolutiva singular-plural. *Horizontes*, v. 26, n. 2, p. 9-20, 2008.

JOSSO, Marie-Christine. Histórias de vida e formação: Suas funcionalidades em pesquisa, formação e práticas sociais. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 05, n. 13, p. 40-54, 2020. Disponível em:

<https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/8423/5390>. Acesso em: 15 jul. 2025

MATOS, Rodrigo Honorato. *Entre (auto)biografia e autoficção: uma experiência narrativa em pesquisa-formação*. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em Música. Universidade de Brasília, Brasília, 2025.

MATOS, Rodrigo Honorato; ALMEIDA, Jéssica de. Entre (auto)biografia e autoficção: uma experiência narrativa em pesquisa-formação. *Revista Digital do Lav*, v. 18 n. 1, p. 1-20, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/91256/67389>. Acesso em: 3 out. 2025.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Aproximaciones teóricas a las perspectivas de la investigación (auto)biográfica em educación. *Revista Educación y Pedagogia*, vol. 23, n. 61, p. 25-40, 2011. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4159459>. Acesso em: 15 jul. 2025.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas da experiência na Pesquisa-formação: Do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. *Roteiro*, Joaçaba, vol. 41, n. 1, p. 67-86, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9267/pdf>. Acesso em: 15 jul. 2025.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Enfoques narrativos em la investigación educativa brasileña. *Revista Paradigma*, vol. XLI, p. 57-79, 2020. Disponível em: <https://revistaparadigma.com.br/index.php/paradigma/article/view/929/827>. Acesso em: 15 jul. 2025.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Reflexividade narrativa e poder (auto)transformador. *Revista Práxis Educacional*, v. 17, n. 44, p. 1-21, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/8018>. Acesso em: 15 jul. 2025.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Transformações das figuras de si e do outro na mediação biográfica. *Linhas Críticas*, v. 29, e48135, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/48135/38465>. Acesso em: 15 jul. 2025.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de. O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional. *Investigación Cualitativa*, v. 2, n. 1, p. 6-26, 2017.

PINEAU, Gaston; LEGRAND, Pierre. *As histórias de vida*. Tradução: Carlos Eduardo Galvão Braga e Maria da Conceição Passeggi. Natal: EDUFRN, 2012.

Diálogos com a literatura da pesquisa (auto)biográfica: relatos de experiências de pesquisadores em formação

Simpósio

Arthur de Souza Figueirôa
Universidade de Brasília
arthur_figueiroa@hotmail.com

Ismael Silva Rattis
Universidade de Brasília
ismaelrattis@gmail.com

Resumo: Para o presente trabalho apresentaremos relatos de experiências sobre o processo de ingresso ao Grupo de Estudos e Pesquisas (Auto)biográficas em Educação Musical – GEPAEM, bem como evidenciar as experiências formativas que têm se desvelado a partir das leituras realizadas das autoras e pesquisadoras Marie-Christine Josso e Maria da Conceição Passeggi. Os escritos de si apresentados ao longo do texto revelaram processos que vão para além de uma formação tradicional, mas que são ampliados a partir daquilo que temos apreendido das nossas experiências, ao evidenciarem novos sentidos produzidos. Ampliam a discussão sobre a singularidade da construção do sujeito negro diante das estruturas opressoras e excludentes construídas por uma visão de mundo colonialista que sustenta, até os dias de hoje, os privilégios de grupos hegemônicos que narraram a trajetória daqueles que consideram ser o “Outro”, isto é, o não-ser, o inferior, em contraposição a modelos de pensamento, de comportamento e de saberes de grupos legitimados como padrão. Ficções que são naturalizadas no imaginário da sociedade brasileira por meio do racismo. Entendemos que em nossa construção enquanto sujeitos que têm se (auto)biografado, damos maior evidência àquilo que foi transformador em nossas histórias de vida para estar ampliando a qualidade de nossas interações com o mundo em um processo emancipatório e autônomo, sendo esse um estado de consciência mais claro e projetivo em nossas trans-form-ações de vida.

Palavras-chave: Pesquisa Auto(Biográfica). Formação. Sujeito Negro.

Introdução

Para o presente trabalho apresentaremos relatos de experiências sobre o processo de ingresso ao Grupo de Estudo e Pesquisas (Auto)Biográficas em Educação Musical – GEPAEM, bem como evidenciar as experiências formativas que têm se desvelado a partir das leituras realizadas das autoras e pesquisadoras Marie-Christine Josso e Maria da Conceição Passeggi. A dinâmica dos encontros presenciais do grupo possibilitou discussões que tiveram como base

as produções das autoras, e fomentou compreensões que têm sido formativas para os seus participantes. Além disso, tais produções dialogam com as pesquisas em andamento de doutorado e mestrado, realizadas no Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade de Brasília. O grupo de pesquisa se reúne quinzenalmente, de maneira presencial, e é conduzido pela Profa. Dra. Jéssica de Almeida. Compreendemos que nosso intento aqui está ancorado na forma de como as leituras das autoras produziram e continuam produzindo em nós sentidos para a pesquisa atual, desvelando novas formas de problematizar, discutir e compreender nossa pesquisa, entrelaçada com o aporte teórico que elas nos fornecem.

Relatos de Experiências de um pesquisador de doutorado em construção

Ao adentrar no curso de Doutorado em música na Universidade de Brasília – UnB, pude ter experiências com o grupo de pesquisa GEPAEEM que considero como formativas, uma vez que possibilitaram retomar um processo de ser e tornar-se pesquisador da área de música. O primeiro contato com um grupo de pesquisa que fomentou discussões e momentos formativos se deu à época do curso de Mestrado, também realizado na UnB, no grupo de pesquisa Grupo de Pesquisa Educação Musical e (Auto)Biografia – GEMAB. Por se ocuparem ambos os grupos de discussões e produções científicas relacionadas à Pesquisa (Auto)Biográfica, tive a oportunidade de participar de duas produções enquanto autor em momentos distintos. Através dessas experiências, conheci alguns autores que discutem a Pesquisa (Auto)Biográfica, dentre eles, as autoras Marie-Christine Josso e Maria da Conceição Passeggi, as quais pude, ao longo do período formativo no doutorado, dedicar leituras específicas nos semestres 2024/2 e 2025/1. Entendo que tais produções trouxeram compreensões que ecoam de forma constante nas discussões do grupo, bem como reverberam em minha pesquisa, especialmente na escolha do referencial teórico da pesquisa de doutorado em andamento. Entendo que minhas memórias aqui estão entrelaçadas com as leituras que fiz das autoras, e, sem dúvidas, produziram e continuam a produzir sentidos para a minha pesquisa em construção.

Minha pesquisa atual consiste em compreender, pelas experiências musicais, como a música é evidenciada e compreendida em produções científicas de professoras formadoras, pelos sentidos produzidos para si mesmas e para o outro. Tais sentidos podem, na perspectiva

de minha investigação, apontar para compreensões de como essas experiências musicais foram e continuam sendo formativas, sendo suas produções uma evidência desse processo de formação com música.

Em meu relato de experiência, busco apresentar meus momentos formativos com as leituras propostas, cujas compreensões ainda estão em construção e ressignificação, ou seja, meus pensamentos acerca do conhecimento apresentado pelas autoras ainda ecoam e transitam na constituição de meu *topoi*, sendo este um lugar onde as representações e motivos são tematizados e organizados para produzir sentidos. (Delory-Momberger, 2012, p. 534)”.

Os *topoi* são lugares de reconhecimento e chaves de interpretação da experiência, e é nesse lugar que me reconheço no momento onde construo e reconstruo a mim mesmo, tendo percepções e entendimentos para engendrar negociações entre os conhecimentos apreendidos, evidenciando aquilo que depreendo deles. Certamente para mim é um lugar de segurança em que posso expor meus pensamentos a mim mesmo e ter a oportunidade de me transformar nesse processo. Não entendo que esse processo é estanque ou que já esteja resoluto em mim mesmo, ao contrário disso, percebo a cada experiência um constante retomar em mim para construir novos conhecimentos e novos sentidos. Entendo que um momento que considero como importante em que pude trazer novos sentidos para o meu processo como pesquisador foi durante a leitura do livro “Caminhar para Si”, de Josso, uma vez que pude experimentar a construção de novos sentidos pela compreensão em dois momentos: durante o curso de mestrado, em 2017 e, sete anos depois, em 2024, no curso de doutorado. Os conceitos apresentados pela autora, embora os tenha conhecido anteriormente, hoje se revelam com maior profundidade em minha discussão teórica.

Entendo que a dinâmica natural do grupo de pesquisa, com suas diferentes interpretações acerca da leitura de um mesmo texto, me fez ter um olhar mais aberto em relação à dimensão da compreensão do particular que foi aberta em compartilhada com todos do grupo.

Retomar os escritos das autoras Josso e Passeggi trouxe movimentos reflexivos inesperados, pois eram ao mesmo tempo familiares e inexplorados em particular. Tal singularidade paradoxal vem provocando em mim a necessidade de estar ampliando meus

sentidos da pesquisa em música com novos olhares e concepções para o meu objeto de estudo.

Entendo que meu olhar esteja sendo instrumentalizado para pensar teoricamente a partir do diálogo com Josso, em especial à formação do sujeito que se constitui e aponta para processos de tomada de consciência, evidenciando seu processo de formação, bem como suas potencialidades e processos de criação. O cerne de sua pesquisa se estrutura sobre a formação do sujeito e do conhecimento sobre si mesmo, que tem uma visão particular sobre o humano, integrando a participação de um processo criativo de si, cujas tomadas de consciência são suscitadas por ele próprio. Nessa direção, aquilo que emana desse processo formativo, quais sejam, suas intencionalidades, aquilo que ele entende como formativo ou como parte constitutiva de sua formação, se configuram como a produção de sentidos para si e para o outro, revelando conhecimentos e aprendizagens. Para a autora

[...] o que está em jogo nesse conhecimento de si mesmo não é apenas compreender como nos formamos por meio de um conjunto de experiências, ao longo da nossa vida, mas sim tomar consciência de que esse reconhecimento de si mesmo como sujeito, mais ou menos ativo ou passivo segundo as circunstâncias, permite à pessoa, daí em diante, encarar o seu itinerário de vida, os seus investimentos e os seus objetivos na base de uma auto orientação possível, que articule de uma forma mais consciente as suas heranças, as suas experiências formadoras, os seus grupos de convívio, as suas valorizações, os seus desejos e o seu imaginário nas oportunidades socioculturais que soube aproveitar, criar e explorar, para que surja um ser que aprenda a identificar e a combinar constrangimentos e margens de liberdade (Josso, 2004, p. 58).

Os conceitos de formação que a autora apresenta estão relacionados ao que ela denomina como o “caminhar para si”, sendo esse um projeto a ser construído no decorrer da vida, sendo a consciência daquilo que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos o ponto que norteia nosso fazer social (Josso, 2004, p. 59). Nesse pensar no sujeito que possui e compartilha suas experiências transformadoras me conduz ao meu *topoi* para ter compreensões da consciência de que trata a autora.

Seguindo em busca das minhas memórias, destaco também as leituras que fiz dos textos da pesquisadora Maria da Conceição Passeggi, que também têm sido formativas para mim quanto à relevância da Pesquisa (Auto)Biográfica no Brasil defendida pela autora, especialmente quanto ao paradigma narrativo-autobiográfico que me fez refletir e continua

me movendo nele no que concerne à dialética entre a vida, a experiência vivida e a ciência. A partir de seus escritos pude ampliar meu olhar quanto à compreensão do humano e sua ação no mundo. Para a autora

Trata-se de considerar como um direito universal, em pesquisa, navegar “na história social, na filosofia, na antropologia social e cultural, na etnografia, na psicologia e na psicanálise, mas também na literatura e na poesia”, para aprimorar o discurso científico (grafia) a favor da vida (bio) e de cada ser humano na sua singularidade (auto) (Passeggi, 2020, p. 72).

É nessa esteira que tenho sido norteador a buscar a compreensão de um sujeito autobiográfico, ou seja, aquele que permite religar o sujeito epistêmico (abstrato, racional) e o sujeito empírico (da experiência) (Passeggi, 2020, p. 73).

Nesse sentido, tenho aprendido muito com a autora quanto à constituição do sujeito que perpassa por momentos distintos daquilo que emerge dele como conhecimento em sua experiência para quem ele se torna, evidenciando suas dimensões da subjetividade. É um momento de ter percepções de meu próprio processo biográfico, compreendendo as mudanças de quem sou para um vir a ser, evidenciando aquilo que aprendi, meus saberes, meu querer e poder ser. Isso tudo advém, não acidentalmente, através de uma escuta dos agentes que estão se desvelando nessa formação em mim mesmo, avançando para a reinvenção de si para uma vida de sentidos e ressignificações.

Relatos de Experiências: uma breve reflexão da construção do sujeito negro no contexto da pesquisa (auto)biográfica

A partir das leituras de Freire (2008), tomei ciência da antológica vocação do ser humano de ser-sujeito. Isto é, uma pessoa capaz de realizar a autorreflexão em busca de uma tomada de consciência que o permita transcender, discernir, dialogar, comunicar e participar, ou seja, de existir no mundo para se transformar com ele.

Para Freire (2008, p. 48-49), existir é algo que está para além de viver. Existir, é estar no mundo sendo com ele herdando, incorporando e realizando mudanças. Para o autor, existir enquanto sujeito implica ao ser humano a responsabilidade de não ser um mero espectador diante da realidade.

Isto é, “estar” e “ser” no mundo é não nos adaptarmos, acomodarmos e nos ajustarmos às esferas de desumanização que naturalizam a supressão da liberdade que cerceia o direito do indivíduo de discutir a sua condição de sujeito. Um ato, que segundo Freire (2008, p. 50), sacrifica a formação humana para liberdade e as transformações possíveis de serem realizadas por ela.

As inquietações que surgiram a partir dessa leitura coincidiram com o momento em que me descobri e me tornei negro. Para Souza (2021, p. 17-18), tornar-se negro é viver a experiência de ter tido sua identidade submetida a expectativas e exigências alienadas por processos de dominação elaboradas e impostas pelo racismo, mas não só isso, é também a experiência de se comprometer com o resgate da sua história, com a recriação das suas potencialidades, da sua existência, das suas memórias, antes, inferiorizadas, excluídas e discriminadas pelo racismo.

Munido por estas reflexões que me transformaram, busquei me aprofundar nos estudos das relações étnico-raciais. O que me levou ao mestrado, ainda motivado pela necessidade de seguir refletindo sobre a formação humana e docente, mas agora, em uma perspectiva antirracista, inclusive, discutindo políticas de ação afirmativa, como a implementação da Lei n. 10.639/2003 no curso de Licenciatura em Música da Universidade de Brasília com intuito de pensar uma formação antirracista para os educadores musicais inseridos nesse contexto.

Curiosamente, até ingressar no mestrado, nunca havia lido a respeito ou mesmo tido experiência com pesquisa (auto)biográfica. Tomei conhecimento desse campo de estudo a partir do momento que meu projeto de pesquisa foi acolhido pela Profa. Dra. Jéssica de Almeida. Sendo assim, o meu contato com a pesquisa (auto)biográfica passou a fazer parte do meu cotidiano a partir do meu ingresso no Grupo de Estudos e Pesquisas (Auto)biográficas em Educação Musical - GEPAEM.

Um grupo potente e diverso, cujo ambiente tem me oferecido possibilidade para aprender, bem como refletir sobre os impactos e possibilidades que a pesquisa (auto)biográfica têm produzido na minha formação no campo da educação musical e, principalmente, na minha pesquisa. O contato com os estudos de Marie-Christine Josso e Maria da Conceição Passeggi, em diálogo com Paulo Freire e com autores/as, que são

imprescindíveis para o meu trabalho, como Andrade (2023), Carneiro (2023), Gomes (2017), Kilomba (2019), Theodoro (2022) e Batista (2018), tem sido fundamental para construção das reflexões que tangenciam minha pesquisa, para a busca de uma metodologia que possibilite pensar e discutir a formação antirracista com qualidade, sobretudo, tendo o sujeito negro (ou não) como centro das investigações.

A formação antirracista urge, pois segundo Andrade (2023, p. 23-25), o racismo retira da pessoa negra o direito de ela construir uma autoimagem legítima e positiva, de narrar suas experiências de vida, pois são sempre constrangidas a tecer uma narrativa de si como uma resposta aquilo que a branquitude lhes impõe para homogeneizar, condicionar e controlar a existência e a experiência negra no âmbito pessoal e coletivo. Não à toa, “o corpo negro é marcado pela associação dele e de tudo que se produz a um déficit de humanidade.” (Andrade, 2023, p. 96), inclusive ao que se refere a sua produção artística e cultural.

Considerando Andrade (2023), em diálogo com Freire (2008), é possível inferir que os processos de inferiorização operados pelo racismo, tira da pessoa negra a possibilidade de tornar-se, de ser reconhecida enquanto sujeito, de exercer a sua *autopoiesis* (Josso, 2004), ou seja, as condições de produzir a si mesmo. Além disso, o racismo afasta a experiência das pessoas negras, as coagindo à vivência, tirando delas a possibilidade de reconhecer os conhecimentos que elas produzem, por meio de suas narrativas e história de vida, reforçando a negação de si, da sua singularidade e potencialidade.

Se para Freire (2008), existir é diferente de viver, tenho aprendido com Josso (2004), que a experiência se distingue da vivência. Para Josso (2004, p. 37), as experiências transformam aspectos subjetivos da nossa identidade, ao mesmo tempo que nos permite buscar respostas aos desafios da vida em uma perspectiva individual e coletiva, reconstruindo uma série de acontecimentos interiores e exteriores que nos marcam enquanto seres pensantes e reflexivos.

O giro narrativo, segundo Passeggi (2020, p. 60 e 68), abriu um precedente que coloca a capacidade reflexiva do sujeito autobiográfico no cerne das discussões que versam a respeito da tomada de consciência de si para sua emancipação. Essa mudança provocou a criação de um novo paradigma na comunidade científica, conferindo a ela a importância não só do sujeito, mas do ato de narrar.

De acordo com Kilomba (2019, p 28), para as pessoas negras, narrar é um ato político, pois oferece oportunidade desses narradores contarem a sua própria realidade, enquanto tornam-se oposição absoluta àquilo que o projeto colonial determinou sobre eles. Hooks (1989, *apud* Kilomba, p. 28) reforça que o sujeito tem direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades e nomear suas histórias saindo de um estado de ser-objeto, ou seja, aquele que tem sua realidade definida pelos outros.

Estas ideias convergem com o movimento (auto)biográfico e com as três apostas do paradigma narrativo autobiográfico: a epistemopolítica, a decolonizadora (pós-colonial) e a pós-disciplinar (Passeggi e Souza, 2017). Segundo os autores, a primeira para o cerne da questão, a capacidade humana da reflexividade autobiográfica do sujeito como meio para elaborar táticas de empoderamento capazes de superar interpretações que excluem e oprimem.

Na segunda aposta, os autores destacam que ela se opõe ao elitismo - na área do conhecimento - que oprime, silencia e se mostra desinteressada pela consciência crítica de cidadãos “comuns”. Por fim, na terceira aposta, os autores refletem que ela não acomoda o conhecimento apenas ao quadro da visão disciplinar, inter, pluri, multi ou transdisciplinar, isto é, as transcende em busca de uma visão holística do ser humano e da sociedade entrelaçando saberes individuais e coletivos para compreensão do sujeito e da realidade que este se insere.

Estas apostas comportam o tema do racismo e os rompimentos que tal discussão implica. Até porque, segundo Andrade (2023, p. 25), para recuperar a singularidade da experiência de narrar a si, no caso das pessoas negras, faz-se necessário romper com as imposições do modelo colonial como condição identitária.

A pesquisa (auto)biográfica, nesse sentido, tem se apresentado como um campo estratégico para que esse rompimento ocorra, através de uma formação antirracista. Na educação musical, por exemplo, o rompimento com o padrão hegemônico eurocêntrico, em parte, significa, segundo Batista (2018), instituir formas de escuta e sonoridades diferentes com possibilidades de formar sujeitos críticos capazes de combater o racismo e reconhecer a colaboração da população negra para a construção da diversidade cultural e intelectual do país, mesmo em meio as sabotagens realizadas pela sociedade racista.

Ainda de acordo com o autor, para que isso ocorra, devemos assumir um compromisso ético e político contra o racismo e insistir na busca de diferentes epistemologias, que andam na contramão do silenciamento desses sujeitos e de suas manifestações. Caso contrário, seguiremos insistindo numa escuta desqualificada e preconceituosa, trocando repertório em sala de aula somente como um simbolismo, reforçando a representatividade despolitizada para atender uma base legal, porém, sem compromisso real com a mudança, com a realidade da população negra no país, que mesmo tendo grandes artistas e manifestações culturais representativas para nossa cultura e economia, ainda seguem sofrendo com a humilhação, com a violência e com a desigualdade operada pelo racismo.

A educação musical não pode ser parte desse certame que reforça os discursos que silenciam a história da população negra com a falácia da democracia racial, ao mesmo tempo que reforça as políticas racistas pela sua falta de compromisso político com a causa. Por fim, são estas questões que compartilho e venho amadurecendo com os demais colegas do GEPAEM como resposta às provocações que as leituras que partilhamos me remetem.

Considerações Finais

Os escritos de si apresentados ao longo do texto revelaram processos que vão para além de uma formação tradicional, mas que são ampliados a partir daquilo que temos apreendido das nossas experiências, ao evidenciarem novos sentidos produzidos. Narramos nossas experiências e nos formamos com isso, entendendo que avançamos enquanto sujeitos que têm novas compreensões de mundo quando compartilhamos nossas narrativas. Reinterpretamos, reinventamos e nos transformamos nesse processo, em cujo ato de narrar, referimo-nos a nós como objeto de reflexão, assumindo autoria de nossa própria história de vida e, como autores, ressignificamos essa história narrada.

É nessa compreensão que nos colocamos no caminho para um tornar-se sujeito autobiográfico, evidenciando as potencialidades de sua constituição para uma formação antirracista, um compromisso ético e político em busca de diferentes epistemologias para sua emancipação, evidenciando percepções de processos biográficos que nos norteiam na compreensão das mudanças de quem somos para um vir a ser. Nesse processo, assumimos responsabilidades para nós mesmos e para o outro, cujas potencialidades dessa relação estão

em curso para um “querer ser” mais consciente de suas ações no mundo em que se vive. Dito de outra forma, pensamos que em nossa construção enquanto sujeitos que têm se (auto)biografado, damos maior evidência àquilo que foi transformador em nossas histórias de vida para estar ampliando a qualidade de nossas interações com o mundo em um processo emancipatório e autônomo, sendo esse um estado de consciência mais claro e projetivo em nossas trans-form-ações de vida.

Referências

ANDRADE, Érico. *Negritude sem identidade*: sobre as narrativas singulares das pessoas negras. São Paulo: n-1 Edições, 2023.

BATISTA, Leonardo Moraes. Educação Antirracista e Educação Musical: interações e perspectiva para educação básica. *Revista Interlúdio*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 10, p. 54-74, nov. 2018. Disponível em: <https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/interludio/article/view/1955>. Acesso em: 2 de jul. 2025.

CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade*: a construção do outro como não-ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. *Revista Brasileira de Educação*, Vol. 17, nº 51, set./dez., p. 523 - 536, 2012.

FREIRE, Paulo. *Educação como Prática de Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro Educador*: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de Vida e Formação*. Tradução: José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. *Caminhar para Si*. Tradução: Albino Pozzer. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*: episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de. O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: esboço de suas configurações no campo educacional. *Investigación Cualitativa*, v. 2, n. 1, p. 6-26, 2017. Disponível em:

https://www.researchgate.net/profile/Maria-Passeggi-2/publication/342824263_ENFOQUES_NARRATIVOS_EN_LA_INVESTIGACION_EDUCATIVA_B

[RASILENA/links/61def0d43a192d2c8af70e56/ENFOQUES-NARRATIVOS-EN-LA-INVESTIGACION-EDUCATIVA-BRASILENA.pdf](https://rasilena.links/61def0d43a192d2c8af70e56/ENFOQUES-NARRATIVOS-EN-LA-INVESTIGACION-EDUCATIVA-BRASILENA.pdf). acesso em: 20 de jun. 2025.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Enfoques narrativos en la investigación educativa brasileña. *Revista Paradigma*, Vol. XLI, jun., p. 57 - 79, 2020.

THEODORO, Mário. *A sociedade desigual: racismo e branquitude na formação do Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

Corpo e Racismo - minha história de vida com a música no encontro com a formação: um relato de experiência da disciplina Seminário em Educação

Musical

Simpósio

Ismael Silva Rattis
Universidade de Brasília
ismaelrattis@gmail.com

Sarah Thamires Alves de Lima
Universidade de Brasília
saranicantora@gmail.com

Matheus Henrique Assunção Teixeira
Universidade de Brasília
matheusasstex@gmail.com

Resumo: Este relato objetiva compartilhar o planejamento e as subsequentes atividades vinculadas à disciplina "Seminário em Educação Musical", com o tema "Corpo e Racismo: minha história de vida com a música no encontro com a formação", que foi ministrado por dois alunos do curso de Pós-graduação em Música da Universidade de Brasília para os estudantes do curso de Licenciatura em Música da mesma instituição. Há, também, um relato de experiência de um estudante da graduação que participou da disciplina. Ao lado disso, este trabalho traz uma breve reflexão e observações acerca do Projeto Pedagógico do Curso para contextualizar e discutir a urgência do tema que se acomoda na referida disciplina, para também refletir sobre as condições, bem como a qualidade da implementação da Lei n. 10.639/2003. Por fim, abordamos os procedimentos (auto)biográficos na metodologia da disciplina, uma vez que vislumbramos uma possibilidade teórica e metodológica para pensar caminhos para uma formação antirracista, no contexto da Educação Musical, por meio do campo (auto)biográfico.

Palavras-chave: Lei 10.639/2003, Pesquisa (auto)biográfica, Educação Musical

Introdução

Este relato de experiência compartilha o planejamento e as atividades de uma disciplina que serviu para pensar a formação antirracista pela perspectiva da pesquisa

(auto)biográfica, atrelada ao conceito de corpo biográfico⁴ no campo da educação musical. Este trabalho foi desenvolvido por estudantes do curso de Mestrado, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Música da Universidade de Brasília - UnB, que de maneira supervisionada elaboraram e ministraram as aulas e, por um estudante da graduação participante da disciplina.

Os autores do texto integram o Grupo de Estudos e Pesquisas (Auto)biográficas em Educação Musical – GEPAEM. Este grupo acolhe alunos/as do curso de graduação e pós-graduação do Departamento de Música da Universidade de Brasília - UnB interessados em desenvolver pesquisas no campo da pesquisa (auto)biográfica, em consonância com o projeto de pesquisa “Formação Profissional em Música no Brasil: produção, contextos, características e impacto” da Profa. Dra. Jéssica de Almeida.

Esse projeto de pesquisa objetiva problematizar a formação profissional em música no Brasil, tendo em vista suas características, seus contextos, problemas e impactos e a produção do conhecimento que a tematiza, com especial atenção às problemáticas emergentes que atravessam o ensino da música e seus sujeitos. Para isso, acolhe pesquisas que incluem metodologia bibliográfica-documental, para o estudo de currículos/políticas públicas/produções sobre formação profissional em música, e a (auto)biográfica, abrangendo a produção, o estudo e a análise de narrativas de profissionais e estudantes de música.

No contexto atual da pesquisa (auto)biográfica no Brasil, a área de Educação Musical vive uma fase embrionária de exploração desse tipo de abordagem. Assim, destacam-se desafios diversos.

Um desses desafios recai sobre a abordagem de estudos que buscam circunscrever uma perspectiva antirracista no âmbito da pesquisa (auto)biográfica em diálogo com o campo da educação musical. Trabalho, que inclusive vem sendo desenvolvido pela pesquisa "Formação antirracista pela Perspectiva (auto)biográfica: (des)atando nós entre a educação musical e a educação das relações étnico raciais" do mestrando Ismael Silva Rattis, com orientação da Profa. Dra. Jéssica de Almeida.

⁴ Para pesquisas nas áreas de formação, histórias de vida, e narrativas biográficas, a percepção do corpo biográfico, conceito pensado inicialmente por Danis Bois, e posteriormente pesquisado por Josso, traz à tona o corpo que perpassa a história e se faz memória viva de cada fase vivida, do convívio social, plural, ao movimento internalizado de consciência plena ou atenção consciente. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/rXZF6DgbGRsjFDTvDFCD5YR/>. Acesso em: 25 de Jun. 2025

Este trabalho, juntamente com a pesquisa "Um Corpo no mundo: corpo biográfico como significante na formação e performance musical de cantoras de música popular", realizado pela mestrandia Sarah Thamires Alves de Lima, e acompanhada pela mesma orientadora, provocaram algumas inquietações, apontaram para a necessidade de planejar uma disciplina, com ementa livre, que fosse capaz de articular a pesquisa (auto)biográfica à perspectiva da educação das relações étnico-raciais, no campo da Educação Musical. Assim, surgiu a ideia de organizar e ofertar a disciplina "Seminário em Educação Musical", que é parte do componente curricular do Curso de Licenciatura em Música da UnB, abordando o tema "Corpo e Racismo: minha história de vida com a música no encontro com a formação".

Diante disso, é importante destacar que esta foi a primeira oferta de uma disciplina com foco na Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) para pensar uma formação docente antirracista para o combate ao racismo no Departamento de Música, desde a criação da Lei n. 10.639/2003, que inclui o ensino de história e cultura afro-brasileira no currículo em todos os níveis de ensino (Brasil, 2008) e da implementação do Sistema de Cotas Raciais, que segundo Felice e Santos (2010, p. 210), foi efetivado na UnB no primeiro semestre de 2004. Atualmente, este direito ainda é preservado pela Lei n. 12.711/2012, que mesmo em meio ao ressentimento das elites, segue assegurando a inserção da população negra no ensino superior.

A disciplina foi organizada e ministrada pelos professores Ismael Silva Rattis e Sarah Thamires Alves de Lima, sob orientação da Profa. Dra. Jéssica de Almeida, através da disciplina "Estágio Docente Supervisionado" que integra o currículo do Curso de Pós-Graduação em Música da UnB.

Breve reflexão sobre a educação das relações étnico-raciais no Departamento de Música da Universidade de Brasília

Em meio às inovações provocadas pela implementação da Lei n. 11.769/2008, que a princípio havia caracterizado, de modo perspicaz, a música como conteúdo curricular obrigatório, em consonância com o Programa de Apoio e Plano de Reestruturação da Expansão das Universidades Federais (REUNI), em 2010, foi aprovado pelo Colegiado do Departamento de Música, o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Licenciatura em Música da Universidade de Brasília. Um PPC para o curso noturno e outro para o curso diurno.

Aqui, destacamos que esses PPCs demarcam o processo de atualização e reformulação da formação de professores no campo do ensino de Música para a educação básica, em acordo com as Leis, Resoluções e Diretrizes que balizam o sistema educacional. Estes PPCs, portanto, não fazem menção alguma sobre o Sistema de Cotas e nem mesmo sobre as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que de acordo com Gomes (2017), ampliou a obrigatoriedade para também incluir a história e a cultura indígena no currículo do ensino básico.

Por fim, no bloco pedagógico destes PPCs, onde são organizadas as disciplinas comuns entre as licenciaturas, que são consideradas como relevantes para a formação do professor de música, encontra-se a disciplina de Educação das Relações Étnico-Raciais. Essa está disposta como uma disciplina seletiva para os alunos da Licenciatura em Música, ou seja, integra um grupo de disciplinas *seletivas* com carga horária obrigatória, embora o estudante possa optar em cumprir a carga horária em outro componente curricular do mesmo grupo de seletividade.

Esta disciplina, mesmo diante das dificuldades, segue sendo ofertada pela Faculdade de Educação da UnB. Esta faculdade parece protagonizar um certo pioneirismo com relação ao oferecimento da disciplina na Universidade.

A partir do ano de 2015, os PPCs dos cursos de Licenciatura em Música passaram por uma reformulação curricular, que se estendeu até o ano de 2022, atendendo a Resolução CNE/CP 02/2019, que revogou a Resolução CNE/CP 02/2015, que de acordo com os novos PPCs, entre outras normatizações, estipulava o mínimo de 3.200h para o curso de formação inicial.

Agora, observando os novos documentos em vigência, é possível perceber um movimento positivo da Licenciatura em Música com relação à Educação das Relações Étnico-Raciais. O documento alinha a trajetória do Departamento de Música às bases legais que atendem as exigências de ensino quanto à Educação em Direitos Humanos; Educação Étnico-Racial e o ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena.

Além disso, o documento institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola; Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana; Diretrizes Nacionais

para a Educação em Direitos Humanos e Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena.

Estas mudanças, além de significativas, convocam o Departamento de Música para dialogar com o campo das relações étnico-raciais, já realizado por outras áreas de conhecimento. A nova estrutura dos PPCs possibilita a criação de novas disciplinas e ressignificação de outras, para atender as normas das bases legais de inclusão dos negros. A disciplina “Seminário em Educação Musical” é exemplo de onde se pode trabalhar temas voltados para este fim.

Apesar das importantes reformulações, vale destacar que os PPCs sugerem a Educação Étnico-Raciais como um tema transversal. Theodoro (2022) nos alerta, porém, sobre as diferentes linhas do conhecimento não inserirem o pensamento racista no âmbito central de suas preocupações. Um gesto que coloca o tema do racismo na periferia dos assuntos urgentes, enfraquecendo ou terceirizando seu debate à certas áreas.

Longe de desmerecer as mudanças apresentadas pelos PPCs do curso de Música, precisamos compreender que vivemos em uma sociedade que, segundo Theodoro (2022, p. 19), alinha seus pensamentos conservadores e progressistas à crença do mito da democracia racial, que reforça a solidão do ativismo negro no combate ao racismo. Diante disso, vale refletirmos o quanto essa transversalidade é capaz de eximir o Departamento de Música de criar uma competência própria da área para somar-se à luta contra o racismo.

Em outras palavras, é necessário que o Departamento de Música assuma uma agenda própria em diálogo com outras áreas, sem terceirizar a sua responsabilidade, pois essa luta é de todos. O compromisso ético e político com essa agenda poderá causar impactos epistemológicos significativos, como o combate ao epistemicídio predominante em seu próprio campo de conhecimento.

Creemos que esta reflexão seja pertinente para busca de novos objetivos para pensar a formação docente. Objetivos que vão para além da formação de um sujeito crítico e reflexivo, capaz de respeitar a diversidade, mas que tenha uma formação humana e profissional comprometida, de forma radical, com o antirracismo.

Deste modo, o curso de Licenciatura em Música da UnB poderá participar e colaborar, para além de uma representatividade que seja incapaz, segundo Cardoso (2002,

apud, Gomes, 2017, p. 48), de problematizar e de negar a história oficial que reflete a trajetória dos negros imposta pela branquitude. Bem como corresponder a negros que se arvoram nos ideais e valores reconhecidos pelo pensamento branco hegemônico para legitimar o racismo (Gomes, 2017).

É a partir desse olhar crítico que surgiu o plano de ensino de "Seminário em educação musical", com o tema "Corpo e Racismo: minha história de vida com a música no encontro com a formação". A disciplina foi ofertada às quartas-feiras, no horário das 10h00 às 11h50 da manhã, no primeiro semestre deste ano (2025.1). Contou com a efetivação de 16 matrículas, com apenas uma desistência.

O Plano de Ensino da disciplina corresponde à carga horária de 30h. Estas horas foram organizadas em 17 aulas, sendo que a última, foi separada como uma aula extra, para lidar com algum imprevisto ao longo do semestre. De acordo com a ementa, a disciplina de Seminário em Educação Musical reflete um estudo de tópicos em Educação musical - aspectos históricos, legais, epistemológicos, metodológicos, pedagógicos, psicológicos, sociológicos, antropológicos - relacionando-os a diferentes contextos de atuação e às demandas atuais na formação do educador musical.

A partir da ementa e do tema proposto para o curso, foram traçados três objetivos para a disciplina: 1) Refletir sobre as noções de raça, racismo e branquitude a partir de abordagens teórico-conceituais considerando as experiências históricas de grupos racializados no contexto musical; 2) Refletir sobre o papel da educação musical na reprodução e no combate ao racismo e 3) Refletir sobre as políticas afirmativas voltadas à promoção da Educação para a equidade racial e a implementação da Lei n. 10.639/2003 para pensar uma formação docente antirracista.

A metodologia das aulas consistiu em aulas expositivas, com leitura de textos, com música e vídeos que nos municiaram de saberes que foram discutidos em rodas de conversas. Além disso, tivemos práticas musicais realizadas em sala de aula.

Os textos da disciplina foram organizados e disponibilizados através de um link. Além das leituras complementares compartilhadas com a turma no decorrer do curso, a disciplina contou com 10 textos, compostos por autores/as negros/as, inclusive da área da Educação

Musical. O plano de aula dispõe de três avaliações. A primeira, com peso 2,0, se deu ao longo do semestre. Os estudantes foram avaliados pela participação nas aulas e leitura dos textos.

A segunda avaliação tinha peso 3,0. Nela, os estudantes realizaram uma narrativa escrita, orientados pela biografia músico-educativa (Almeida, 2021b), conduzidos pelas seguintes questões motivadoras: a) Quais os caminhos me trouxeram até a graduação, e musicalmente como eu poderia descrevê-los (1º momento da biografia músico educativa); b) Qual a minha história com a formação com a música enquanto fenômeno que ultrapassa elementos musicais e sonoros, em direção às questões políticas e sociais? (2º momento da biografia músico educativa).

Por fim, a terceira avaliação teve peso 5. Ela completa o total de 10 pontos que poderiam ser alcançados na disciplina. Nesta avaliação, os estudantes foram orientados a escreverem um memorial com base nas seguintes provocações: a) Articular os conhecimentos compartilhados durante o semestre em diálogo com a sua experiência formativa no campo da educação musical e demais áreas (se houver); b) Refletir sobre as trocas e conhecimentos adquiridos na disciplina, e como essa experiência poderá influenciar no seu processo formativo; c) Descrever de que forma as noções de raça, racismo e branquitude, a partir de abordagens teórico-conceituais, podem refletir na sua prática docente hoje; d) Descrever como você percebe que são articulados os conceitos de pacto narcísico da branquitude no ambiente da educação musical e propor um elemento antirracista para o combate ao epistemicídio; e) Refletir sobre a seguinte questão motivadora: O que eu faço agora com tudo que me tornei a partir das vivências, trocas e minha formação (3º momento da biografia músico educativa).

As aulas foram pensadas para serem discutidas em três eixos. O primeiro eixo (aula 1 até a aula 4) foi voltado para pesquisa (auto)biográfica.

Estas aulas foram mediadas pelos textos de (Passeggi, 2016; Passeggi e Souza, 2017). O diálogo com estes autores nos permitiu distinguir os termos história de vida e narrativa; vivência, experiência e formação. A partir do texto de (Almeida, 2021b), realizamos uma aula introdutória sobre o método da biografia músico-educativa. Este eixo foi finalizado com a realização da avaliação 2.

O segundo eixo (aula 5 até a aula 9), deu ênfase aos estudos voltados para educação das relações étnico-raciais, com destaque para o racismo e as desigualdades operadas por ele no país. Sendo assim, foi possível discutir junto aos estudantes, o conceito de raça e racismo por um viés mais antropológico a partir de Munanga (1990). Doravante as provocações e problematizações, realizamos uma análise da música “Ismália”, do *rapper* Emicida para aplicar os conceitos estudados.

Em diálogo com Bento (2022), discutimos o conceito de branquitude, discriminação, preconceito racial e seus impactos na vida do negro ao longo da história. Além disso, fizemos uma análise da Música Feitiço da Vila, de Noel Rosa, para discutirmos se o racismo é uma questão de época ou uma questão atemporal, problematizando o mito da democracia racial.

Após estudarmos alguns processos de interdição da população negra no mercado de trabalho, na educação e nas artes, nas aulas 7 e 8, estudamos sobre o Movimento Negro Educador. De acordo com Gomes (2017, p. 42), o movimento negro é uma forma de organização política que se caracteriza por ser um dos principais articuladores entre o Estado e a sociedade, a escola básica e a universidade, sintetizando e organizando os saberes, a experiência social, política, histórica e cultural da população negra no país.

A partir das lutas empreendidas por este movimento, refletimos sobre a instituição do direito às cotas raciais e à implementação da Lei n. 10.639/2003, em diálogo constante com (Gomes, 2005; Gomes, 2017). Na aula 8, mesmo não estando previsto no plano, realizamos uma oficina de prática de percussão com ritmos afro-brasileiros como samba de roda, baião/coco e ritmos afro-diaspóricos como *raggamuffin*⁵.

A ideia surgiu a partir da apreciação da música “Ismália” do *rapper* Emicida, que traz esses elementos rítmicos em seu arranjo. A oficina nos permitiu ter uma prática musical envolvendo criação, improvisação e reflexões sobre as diferentes formas de fazer e pensar música, a partir dos saberes da cultura afro-brasileira e diaspórica.

Nesta aula, os estudantes tocaram vários instrumentos de percussão: agogô, djambê, chocalho, tamborim, bongô e reco-reco. A aula também serviu como ponte para avançar nas

⁵ Ritmo surgiu na década de 1980, na Jamaica. Ele se caracteriza por ter batidas dançantes com timbres digitais. O ritmo consumido pela juventude periférica de Kingston (capital da Jamaica) também é conhecido como *Ragga*.

discussões sobre a necessidade de se pensar uma formação antirracista na perspectiva da pesquisa (auto)biográfica no campo da educação musical.

Esse eixo foi finalizado com a aula 9. Nela realizamos uma roda de conversa que contou com a presença de um ilustre convidado. O *rapper*, *dj* e poeta Samuel Antônio Araújo de Jesus, vulgo Zapatta⁶. Aluno egresso do curso de Licenciatura em Música da UnB. Além do *rap*, sua formação musical tem base na música de concerto, onde atua como contrabaixista.

Nesse encontro, Zapatta contou sobre sua trajetória de vida com a música, trouxe relatos sobre os episódios de racismo institucional sofridos por ele, tanto na universidade quanto no Departamento de Música. Também refletiu sobre o processo de escrita do seu trabalho de conclusão de Curso, cujo título é “O rap na escola porque o rap é minha escola: breve revisão de literatura”, defendido no ano de 2022, sob orientação da Profa. Dra. Euridiana Silva Souza.

Zapatta nos ensinou sobre as diferenças básicas entre Sarau, *Slam* de Poesia e Batalha de Rima. Por fim, o *rapper* nos deu o privilégio de ouvi-lo declamando uma poesia de sua autoria.

No terceiro e último eixo (aula 10 até a aula 16), demos ênfase a perspectiva antirracista na educação musical. Os estudantes trabalharam o texto de Batista (2018). Leonardo Moraes Batista é pianista e Doutor em musicologia com ênfase em etnografias em práticas musicais, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atua no campo da arte, da cultura e educação, tomando questões de raça, gênero, sexualidade, classe, acessibilidade, territorialidade e subjetividades como vetores de sua pesquisa e trabalho.

A partir das discussões, houve a necessidade de seguir refletindo sobre a experiência docente e o racismo. Os estudantes assistiram e realizaram uma atividade de escrita reflexiva sobre o documentário *Blue Eyed*⁷.

Na aula seguinte, a partir do documentário, retomamos o debate sobre a prática docente. Revisitamos os conceitos de racismo, branquitude e epistemicídio; debatemos a importância da articulação entre a Lei n. 10.639/2003 e a Lei n. 12.711/2012 (lei de cotas no ensino superior).

⁶ Essa Rua (interlúdio): https://www.youtube.com/watch?v=DBJsZTot1jM&list=RDDBJsZTot1jM&start_radio=1

⁷ É um documentário de 1996, de Bertram Verhaag, no qual Jane Elliot está ensinando um workshop sobre racismo. [Olhos Azuis | Documentário | Jane Elliott](#).

O interesse da turma pelo debate nos fez alterar a aula 11, onde iríamos trabalhar o texto do Ikeda (2016), sobre Ijexá. Sendo assim, essa aula foi amalgamada à aula 12, onde foi ministrada uma oficina de percussão, alinhada a atividades de percussão corporal e movimento, no contexto do gênero musical ijexá.

O professor Ismael Silva Rattis levou diversos instrumentos de percussão para os estudantes conhecerem e tocar: agogô, reco-reco, *Talking Drums* (tambor falante), alfaia, caixa do divino, guiro, caxixi, mini xequerê, chocalho, djambê, bongo, conga, entre outros.

A oficina também foi espaço de reflexão sobre a percussão afro-ameríndia. A partir dos instrumentos, foi possível tecer breves reflexões sobre a cultura musical afro-caribenha (Döring, 2018), sobre a importância de compreender as cosmo-sensações (Oyèwùmí, 2021) contra coloniais dos povos indígenas e quilombolas para trabalhar com as músicas oriundas desses grupos, sem cair no reducionismo, sem criar estereótipos e reforçar preconceitos.

Ainda neste eixo, a professora Sarah Thamires Alves de Lima ministrou uma aula sobre o conceito de corpo biográfico, tendo como referência o texto de (Josso, 2012). Os alunos foram convidados a uma leitura coletiva com o objetivo de refletir sobre o protagonismo do corpo em suas narrativas de vida. Nessa aula, a metodologia de pesquisa (auto)biográfica foi nossa principal ferramenta de investigação científica como aposta decolonizadora, na busca pelo diálogo entre a educação antirracista e a investigação do corpo biográfico para construção de novos saberes.

Incentivou-se a pensar o corpo em seus diferentes recortes sócio-políticos, de raça, sexualidade, crença, cultura, e tantos outros territórios que o corpo se presentifica. Oportunidade ímpar para abordar os temas de maneira interseccional, ainda mais considerando que contávamos com a participação de três pessoas trans na disciplina. Foi de suma importância a inclusão desse texto para que os alunos se conectassem com suas histórias de vida e formação, ao revisitar memórias e marcas de seus corpos biográficos, do corpo que fala, e do corpo que é falado.

A leitura do texto se deu de forma coletiva, com algumas pausas para troca de opiniões e relatos de experiências pessoais. Colocar os alunos nesse espaço de troca sobre um conceito ainda pouco concreto, tem potencial valor para construção de futuros professores

questionadores, que refletem sua realidade e buscam o conhecimento teórico e empírico para o ensino.

Por fim, a aula 14 serviu para orientar os estudantes para o trabalho final, fazer um balanço geral do semestre, bem como celebrar a realização da disciplina. A aula 15, ficou reservada para produção e plantão de dúvidas e a 16 para a entrega do trabalho final.

Do ponto de vista discente

Percebo a disciplina como muito positiva e formadora para os discentes que dela fizeram parte. Josso (2012) diz que:

caminhar para si apresenta-se, assim, como um projeto a ser construído no decorrer de uma vida, cuja atualização consciente passa, em primeiro lugar, pelo projeto de conhecimento daquilo que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos na nossa relação conosco, com os outros e com o ambiente humano e natural (Josso, 2012, p. 22).

Essa citação representa uma forma de me reconhecer enquanto corpo biográfico ativo, negro e musical, inserido em um contexto universitário, que é plural, porém racista e excludente. O andar da disciplina me levou a refletir sobre como a minha negritude me constitui como ser biográfico, munido de experiências formadoras em todos os âmbitos da formação social, mas principalmente na música, objeto de estudo da minha graduação e meio pelo qual me vejo inserido na sociedade. Fator determinante das minhas relações sociais.

A disciplina possibilitou a construção de um espaço seguro para a escuta qualificada, onde cada estudante teve espaço para falar sobre suas questões identitárias e discutir a forma como isso (de)formou a sua construção social e musical. A disciplina também ajudou a compreender como o racismo opera na sociedade por meio do pacto da branquitude, que oprime para manutenção do privilégio branco.

Uma das avaliações da disciplina foi a escrita de uma biografia músico-educativa, onde cada aluno deveria escrever um texto sobre sua história de vida, relacionada com a música e suas experiências pessoais. Após a escrita, fomos incentivados a ler a biografia de outro colega.

Em seguida, todos discutimos os pontos que achamos interessantes nas histórias lidas. Para mim, essa aula foi a mais acolhedora que tive em todo o meu trajeto dentro da

universidade. Reconhecer nossas experiências de vida, relacionadas com a música, levou todos a compartilharem questões que definiram a singularidade de cada um/a.

Outro momento marcante, foi a aula onde analisamos a música “Ismália”, do Emicida. Após a escuta ativa da música, houve uma conversa densa a partir do ponto de vista de cada estudante. O debate da música foi importante para mobilizar os conceitos de discriminação e preconceito racial que estruturam o racismo, ao mesmo tempo que nos ajudou a compreender como ambos operam no discurso da sociedade.

Concluir essa disciplina representou, para mim, a vivência de um espaço formativo singular dentro de um departamento predominantemente branco. Nesse contexto, foi possível refletir criticamente sobre temas como negritude, LGBTfobia, capacitismo e machismo, por meio de uma abordagem (auto)biográfica, musical e educacional.

A proposta pedagógica desenvolvida pelos professores evidenciou a importância de uma formação que reconheça as dimensões da raça, do corpo e do gênero como elementos estruturantes no processo de ensinar e aprender. Essa experiência contribuiu significativamente para compreender o papel do professor na promoção de uma prática educativa antirracista para o combate ao epistemicídio, fortalecendo, assim, a construção de uma identidade docente ética e transformadora.

Considerações

Neste artigo, apresentamos o relato de experiência referente à disciplina “Seminário em Educação Musical”, abordando o tema “Corpo e Racismo: minha história de vida com a música no encontro com a formação”, desde a sua concepção. Além disso, foi possível refletir sobre os avanços formais, sobretudo, a respeito dos limites institucionais do Departamento de Música da UnB para o combate ao racismo. Apesar dos avanços formais, a insistência na transversalidade com relação à educação das relações étnico-raciais para pensar a formação docente antirracista, demonstra a necessidade de avanços qualitativos para implementação da Lei n. 10.639/2003 para evitar o silenciamento epistemológico, principalmente, da produção das/os intelectuais negras/os para romper com os privilégios da branquitude que reforçam e naturalizam o racismo.

Por fim, as reflexões ponderadas neste trabalho nos revelaram como o Projeto Pedagógico de Curso e o Currículo são espaços de poder e território de disputa. Também nos chamou atenção o fato da Lei n. 10.639/2003, por si só, não garantir a inclusão dos negros/as no processo de construção do conhecimento para pensar uma formação antirracista, ficando latente a importância do compromisso político para além da representatividade, para mexer com as estruturas curriculares do próprio Departamento de Música para legitimar uma agenda própria para o combate ao racismo.

Referências

- ALMEIDA, Jéssica de. Formação e experiência: biografia músico-educativa como procedimento de pesquisa e formação. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 64, p. 102-115, 2021b. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/48697/37047> .
- BATISTA, Leonardo Moraes. Educação Antirracista e Educação Musical: interações e perspectivas para educação básica. *Interlúdio*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 10, nov. 2018. Disponível em: <https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/interludio/article/view/1955>. Acesso em: 20 de jun. 2025.
- BENTO, Cida. *Pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- DORING, Katharina. Estética e filosofia das artes musicais africanas na perspectiva da educação musical na América Latina. *Orfeu*, Florianópolis, v. 3, n. 2, dez. 2018. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/1059652525530403022018136/9590> . Acesso em: 20 de Jun. 2025.
- EMICIDA, Ismália. In: AMARELO. São Paulo: Sony Music, 2019. 1 CD, faixa 8.
- FELICE, Renísia Cristina Garcia; SANTOS, Deborah Silva. Ações Afirmativas e o Sistema de Cotas na UnB: antecedentes históricos. *Cadernos de educação*, Brasília, ano XV, n. 23, p. 209-248, jul./dez. 2010. Disponível em: https://www.sinprodf.org.br/wp-content/uploads/2014/05/cadernos_de_educacao_n.23_2010.pdf . Acesso em: 20 de jun.
- GOMES, Nilma Lino. Educação das Relações Étnico-Raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In: MUNANGA Kabenjele (ORG.). *Superando o Racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 143-154.

GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.

IKEDA, Alberto T. O ijexá no Brasil: rítmica dos deuses no terreiro, nas ruas e palcos da música popular. *Revista USP*, São Paulo, n. 111, p. 21-36, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/127596> . Acesso em: 21 de jun. 2025.

JOSSO, Marie-Christine. O Corpo Biográfico: corpo falado e corpo que fala. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 19-31, jan. 2012.

Lei 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, DF, Presidência da República, [2008]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm . Acesso em 17 de jun. 2025.

MUNANGA, Kabenjele. Racismo: da desigualdade à intolerância. *Revista São Paulo em Perspectiva*. v. 4, no. 2, p. 51-54, 1990. Disponível em: http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v04n02/v04n02_09.pdf . Acesso em: 20 de jun. 2025.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. 2021. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2021.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A pesquisa (auto)biográfica: por uma hermenêutica descolonizadora. *Revista de estudos feministas em teologia e religião: Coisas do Gênero*, São Leopoldo, v. 2, n. 2, p. 302-314, 2016. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/genero/article/view/457> . Acesso em: 20 de jun. 2025.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de. O Movimento (Auto)biográfico no Brasil: esboço de suas configurações no campo educacional. *Revista Investigacion Cualitativa*, v. 2, n. 01, p. 6-26, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/317673701_O_Movimento_AutoBiografico_no_Brasil_Esboco_de_suas_Configuracoes_no_Campo_Educacional . Acesso em: 20 jun. 2025

THEODORO, Mário. *A sociedade desigual: racismo e branquitude na formação do Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *Projeto Político-Pedagógico do Curso de Licenciatura em Música – Diurno e Noturno*. 2010.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *Projeto Político-Pedagógico do Curso de Licenciatura em Música – Diurno e Noturno*. 2019-2022.